

Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Curso de segundo ciclo de estudos
Mestrado em Gerontologia

Dissertação

**Comunidade surda idosa em Portugal - necessidades, preocupações e expectativas
face ao futuro**

Dina Melissa da Silva Coelho

Orientador: Professor Doutor João Emílio Alves

Coorientadora: Professora Doutora Susana Barbosa

Portalegre

2022

Constituição do júri

Presidente: Professor Doutor Alexandre Martins

Arguente: Professora Doutora Elisabete Mendes

Orientador: Professor Doutor João Emílio Alves

ÍNDICE

Agradecimentos	7
Resumo	8
Abstract	9
Abreviaturas e Siglas	10
Introdução	11
1) Motivações inerentes à escolha do tema e questão de partida	13
2) Relevância teórica e organizacional	13
3) Objeto e objetivos	14
Capítulo I - Enquadramento teórico	15
1) A comunidade surda e a sua língua natural - a língua gestual	15
2) A comunicação, no envelhecimento e com a pessoa surda	16
3) O envelhecimento	19
4) A institucionalização de idosos	23
4.1) Institucionalização de surdos idosos: uma utopia?	24
Capítulo II - Abordagem metodológica	29
(1) Estratégia metodológica	29
(2) População e amostra e instrumentos de recolha de dados	29
(3) Considerações éticas	31
Capítulo III – Apresentação e discussão de resultados	32
1) Contexto empírico	32

1.1)	Dados de caracterização sociográfica dos surdos idosos;	32
1.2)	Dados de caracterização sociográfica dos filhos	34
1.3)	Análise de resultados das entrevistas	36
2)	Nota metodológica e caracterização do grupo focal	43
2.1)	Análise de resultados do grupo focal	45
3)	Discussão de resultados das entrevistas e do grupo focal	55
Capítulo IV - Considerações finais		59
Referências bibliográficas		61
Webgrafia		67
Apêndices		68

Índice de quadros

	Página
Quadro 1 Dados de caracterização sociográfica dos surdos idosos	33
Quadro 2 Dados de caracterização sociográfica dos filhos	34
Quadro 3 Entidades que confirmaram a participação no grupo focal	43
Quadro 4 Entidades que efetivamente participaram no grupo focal	44

“Tudo o que amamos profundamente converte-se em parte de nós mesmos.”

Helen Keller

Agradecimentos

O meu mais sincero agradecimento...

Ao Professor Doutor João Emílio Alves, pelos conhecimentos transmitidos, pela orientação, motivação, rigor e disponibilidade que demonstrou para comigo. Por ter acreditado desde o início no meu trabalho e nunca ter desistido de mim apesar das minhas inconstâncias neste percurso. Muito obrigada.

À Professora Doutora Susana Barbosa, por mais uma vez fazer parte do meu percurso académico. Pela atenção e exigência, por continuar a ser o meu modelo de intérprete de língua gestual portuguesa, por toda a sabedoria e garra que apresenta.

Aos meus pais, Emília e José, o meu mundo, a minha inspiração, pelo amor incondicional, por fazerem da minha vida a mais bonita história de amor, por me terem tornado quem sou. Por vocês e com vocês, tudo.

A todos os meus amigos, mas essencialmente à Cátia Luísa, pelo amor que nos une há anos, por me ter incentivado em plenas férias de verão a ingressar neste mestrado, por me dar força para lutar e arriscar, e por tomar conta de mim.

Aos meus amigos e colegas de profissão, Adriana, Marina e Márcio, por nunca me abandonarem, por serem os amigos de todas as horas, pelas palavras certas, força e por tudo o que já partilhámos. Nunca haverá distância que mude o que sinto por vocês.

Ao Tozé, pelos momentos felizes, pela motivação constante, cumplicidade e crescimento mútuo.

Aos surdos e filhos de surdos, agradeço a participação neste estudo, por me ajudarem a contribuir na construção de um futuro melhor para a comunidade surda, pelo carinho com que me receberam, disponibilidade, partilha enriquecedora de experiências e sentimentos. Obrigada do fundo do coração.

A todas as entidades intervenientes nesta minha investigação, pela disponibilidade e transmissão de conhecimentos.

Resumo

Este trabalho surgiu essencialmente por motivos pessoais e profissionais, porque sou filha de pais surdos, intérprete de língua gestual portuguesa, e pelo facto de acompanhar as lutas da comunidade surda pela inclusão e acessibilidade desde sempre. A questão de não existir uma resposta social para idosos que inclua devidamente idosos surdos é uma questão debatida há anos e que até hoje não chegou a nenhum consenso. Daí a importância da questão de partida deste trabalho, a qual passa por conhecer quais as necessidades, preocupações e expectativas face ao futuro da comunidade surda idosa em Portugal, procurando-se, com este estudo, contribuir para uma necessária reflexão a respeito desta problemática, incluindo algumas possíveis soluções.

Para esta investigação e, especificamente no plano teórico, foi dada particular importância aos conceitos de comunicação, língua gestual portuguesa, envelhecimento e institucionalização. Relativamente à metodologia, a opção recaiu na utilização de uma estratégia metodológica de natureza qualitativa, centrada na utilização da técnica da entrevista, enquanto instrumento de recolha de dados, e um grupo focal. Inclui a perspetiva de alguns surdos idosos mas também dos seus filhos, que sentem estas preocupações, bem como a de várias entidades com preocupações sobre o assunto e que operam no terreno em torno da comunidade surda.

Os resultados apurados com esta pesquisa sugerem a necessidade de insistir na discussão desta temática, dado que, como demonstrado, ainda se verifica no nosso país uma desadequação e insuficiência de serviços adequados para esta população com características tão específicas, pelo que o acompanhamento por parte dos filhos e outros cuidadores é ainda essencial.

Palavras-chave

Comunidade surda; Idoso surdo; Língua Gestual Portuguesa; Institucionalização

Abstract

This work arose essentially for personal and professional reasons, because I am the daughter of deaf parents, an interpreter of Portuguese sign language, and because I have always followed the struggles of the deaf community for inclusion and accessibility. The question of not having a social response for the elderly that duly includes deaf elderly people is an issue that has been debated for years and has not yet reached any consensus. Hence the importance of the starting point of this work, which involves knowing the needs, concerns and expectations regarding the future of the elderly deaf community in Portugal, seeking, with this study, to contribute to a necessary reflection on this issue, including some possible solutions.

For this research and specifically on the theoretical level, particular importance was given to the concepts of communication, Portuguese sign language, aging and institutionalization. Regarding the methodology, the option was to use a methodological strategy of a qualitative nature, centered on the use of interview technique as a data collection tool, and in a focus group. It includes the perspective of some elderly deaf people and also of their children, who feel these concerns, as well as that of various entities with concerns about the subject and that operate in the field around the deaf community.

The results obtained with this research suggest the need to insist on the discussion of this theme, given that, as demonstrated, there is still an inadequacy and insufficiency of adequate services for this population with such specific characteristics, so that the monitoring by their children and other caregivers is still essential.

Keywords: Deaf community; Deaf elderly; Portuguese Sign Language; Institutionalization

Abreviaturas e siglas

APS - Associação Portuguesa de Surdos

CODA - *Children of Deaf Adults*

ERPI - Estrutura Residencial para Pessoas Idosas

FPAS - Federação Portuguesa das Associações de Surdos

LGP - Língua Gestual Portuguesa

LP - Língua Portuguesa

INTRODUÇÃO

Este projeto de investigação incide numa iniciativa pioneira e refere-se ao estudo da comunidade surda idosa em Portugal - necessidades, preocupações e expectativas face ao futuro.

A comunidade surda, a comunidade que comunica através da língua gestual, tem alcançado alguns objetivos no que toca a uma melhor inclusão na sociedade. No entanto, com o envelhecimento populacional, qual será o futuro deste grupo de idosos com características tão específicas, que comunicam através de uma língua visual que poucos dominam, com uma história e identidade tão próprias?

A comunidade surda idosa portuguesa enfrenta algumas preocupações em relação ao seu futuro, como a possibilidade de um dia necessitarem de residir numa instituição ou frequentar outra resposta social que exista para os idosos. Não se debate esta temática, a não ser no seio da comunidade surda. Todavia é urgente fazê-lo.

Em Portugal, não existe a possibilidade de o idoso surdo estar institucionalizado num local onde existam profissionais capazes de comunicar em língua gestual portuguesa ou outras pessoas surdas, o que faz com que o indivíduo surdo esteja privado da sua comunicação natural. Caso existisse, isso faria com que o idoso se sentisse em casa, emocionalmente estável, sem receios de uma falta de compreensão em qualquer situação que surja. Poderia dialogar, expressar-se e ser compreendido. Não se tem conhecimento de nenhuma instituição com esta valência no nosso país, daí a importância de identificar as necessidades desta comunidade, as suas preocupações e expectativas perante esta condição e também dos seus filhos.

Ingressei no mestrado em Gerontologia com a intenção de o relacionar desde sempre com a comunidade surda, alertando para a existência desta comunidade e para o facto de ser um tema que carece de mais investigação científica. Numa das unidades curriculares do primeiro ano deste ciclo de estudos, realizei um trabalho onde entrevistei alguns idosos surdos que frequentam o grupo de séniores da Associação Portuguesa de Surdos, que se reúne semanalmente à quarta-feira. O problema que detetei em comum a todos os indivíduos prende-se com a dificuldade na comunicação com pessoas ouvintes. Todos mostraram receio em relação ao seu futuro, pelo facto de num lar não terem ninguém para comunicar em Língua Gestual Portuguesa (LGP). Esta inquietação constituiu o móbil e o ponto de partida para uma reflexão que pretendi prolongar em sede de tese de mestrado.

Relativamente à estrutura desta dissertação, numa primeira parte é apresentada a questão de partida e os objetivos gerais e específicos da pesquisa. Seguir-se-á uma segunda parte referente ao enquadramento teórico onde procurei sistematizar um conjunto de referências teóricas e abordagens analíticas sobre o tema central da investigação, incluindo uma referência aos conceitos de comunicação, língua gestual portuguesa, envelhecimento e institucionalização na perspetiva conferir a toda a argumentação patente ao longo do estudo uma cuidada análise teoricamente informada.

No que diz respeito à terceira parte, enunciamos e descrevemos a metodologia utilizada neste estudo, incluindo as técnicas de recolha de dados selecionadas, bem como a identificação dos participantes. Na quarta parte apresentamos os resultados da investigação e por fim as considerações finais.

1) Motivações inerentes à escolha do tema e questão de partida

Este trabalho surgiu essencialmente pelo facto de ser filha de pais surdos e, nessa circunstância, viver esta realidade de forma bastante próxima. Por isso, a título pessoal, é um tema que me desperta muito interesse e para o qual me encontro muito sensível uma vez que os meus pais são pessoas surdas, cuja língua natural é a LGP, e se encontram numa fase de envelhecimento e de preocupação com o futuro que se avizinha.

A nível profissional também existem motivações, pois sou intérprete de LGP, e enquanto conhecedora desta área e membro ativo na comunidade surda, estou consciente da necessidade urgente de dar resposta a uma minoria linguística dependente da presença de um intérprete para estabelecer a comunicação a partir da língua gestual e cada vez mais envelhecida.

No que diz respeito às motivações académicas deveu-se essencialmente à inexistência de estudos que relacionem as duas áreas em questão: o envelhecimento e a comunidade surda, e, por conseguinte, a vontade de contribuir para o avanço do conhecimento científico nesta área, dada a escassez de estudos sobre o assunto.

Esta temática envia-nos para um conjunto de questões relevantes, entre as quais: como será o futuro da comunidade surda? Que necessidades, preocupações e expetativas terão este grupo de idosos? Foi a partir destas inquietações que foi construída a questão de partida deste estudo “Quais as necessidades, preocupações e expetativas face ao futuro, da comunidade surda idosa, em Portugal?”

2) Relevância teórica e organizacional

Este é um tema pioneiro pela sua correlação com a comunidade surda e com o facto de esta ser uma minoria linguística pouco reconhecida em Portugal. É premente o desenvolvimento de estudos que incluam a comunidade surda idosa no sentido de colmatar as barreiras linguísticas existentes e que levam a uma maior discriminação e não inclusão da pessoa surda. Este estudo pretende responder a uma área que carece de informação, procurando contribuir para a melhoria do trabalho com esta população. Por outro lado, visa-se com esta investigação produzir conhecimento com utilidade para ajudar as organizações e os profissionais a conhecer melhor os desafios que uma pessoa surda pode colocar, sensibilizando igualmente as entidades com poder para legislar e definir políticas específicas para este domínio, de modo a reconhecer a importância de

melhor atuar junto das comunidades de pessoas surdas, em particular as que têm idade avançada.

3) Objeto e objetivos

Após a definição da questão de partida, foram estabelecidos os seguintes objetivos gerais e específicos:

3.1 Objetivos gerais:

- Identificar e mapear as necessidades, preocupações e expetativas da população surda idosa face ao seu futuro;
- Relacionar essas necessidades, preocupações e expetativas com a perceção dos filhos de surdos idosos em relação ao futuro dos seus pais.

3.2 Objetivos específicos:

- Identificar as necessidades dos surdos idosos no acesso aos cuidados e apoio na terceira idade;
- Perceber as expetativas dos surdos idosos ao serem utentes desse tipo de serviços;
- Identificar que fatores contextuais são necessários numa instituição para que uma pessoa surda esteja incluída;
- Comparar as condições existentes nas instituições para idosos *versus* as condições que os surdos idosos esperam encontrar;
- Indagar a importância da criação de uma resposta social para a comunidade surda;
- Aferir a importância da existência de um intérprete de LGP em instituições para idosos;
- Conhecer diferentes pontos de vista de algumas entidades existentes na sociedade acerca da comunidade surda;
- Conhecer formas de conseguir melhorar a qualidade de vida dos surdos idosos.

I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1) A comunidade surda e a sua língua natural - a língua gestual

A surdez é construída culturalmente dentro de diferentes narrativas - médicas, linguísticas, religiosas, educacionais, jurídicas, filosóficas, etc. (Lopes, 2011).

Concone (2007 citado por Spadafora & Côte, 2013) refere que a velhice coloca-se numa situação semelhante à situação vivida pelas pessoas surdas. Com o passar da idade, a maioria das pessoas assinala as perdas, não ter saúde, perder a autonomia, a beleza, a memória, a dependência, a solidão.

Lopes (2011), convida a olharmos para a surdez, não como uma deficiência, mas como uma diferença cultural.

Entre os surdos há uma grande vontade de interação social (Kyle y Woll, 1985). A cultura é um conjunto de vivências e experiências com a partilha de uma língua, rituais e costumes. Na comunidade surda existe um sentimento de pertença à comunidade.

A língua dos surdos é a língua gestual. As pessoas surdas são indivíduos que “podem fazer tudo o que os ouvintes fazem, exceto ouvir” (Sacks, 1998), e a língua gestual surgiu perante a necessidade de comunicar. Ou seja, surgiu da necessidade comunicativa de quem não contacta naturalmente com a oralidade, atribuindo significados diferentes a gestos, os quais começam por ser simbólicos e se tornam arbitrários (Martins, 2011).

As línguas gestuais têm um processo de formação equivalente ao das outras línguas, tendo os mesmos parâmetros e características das línguas orais (Freitas, 2019).

E um marco fundamental relativamente à obtenção de direitos pela comunidade surda foi precisamente o reconhecimento de que as línguas gestuais são verdadeiras línguas humanas (Silva, 2013).

A língua gestual, tal como outras línguas, consiste num sistema de comunicação característico dos seres humanos, com regras específicas e capaz de evoluir, e é, “uma língua de produção manuo-motora e receção visual, com vocabulário e organização próprios, que não deriva das línguas orais, (...) utilizada não apenas pelos surdos (...) mas, também, pelos ouvintes (...)” (Amaral, Coutinho & Martins, 1994).

É a forma natural das pessoas surdas descreverem o que as rodeia, raciocinarem, exprimirem humor, opiniões, sentimentos e contar histórias (Meir & Sandler, 2008).

Outras investigações psicolinguísticas (por exemplo, Chamberlain e Maybery, 2000) corroboram o argumento de que as línguas gestuais partilham todas as funções psicológicas das línguas orais: capacidade de compreensão, recordação e produção de palavras e frases. Além disso, permitem participar em discussões aprofundadas sobre tópicos abstratos, metáforas, poesia e drama.

Concluindo, as línguas gestuais são línguas reais, pois surgem da atividade do cérebro humano e da necessidade de comunicação que estão na origem do aparecimento e uso das línguas orais (Silva, 2013).

2) A comunicação, no envelhecimento e com a pessoa surda

A comunicação define-se como o processo de transmissão de informação e entendimento comum de uma pessoa para outra, é caracterizada por ser passada através de um sistema comum de símbolos, gestos ou comportamentos (Keyton, 2011). Paralelamente, Rego (1999) citado por Barbosa (2019) refere que a comunicação é “muito mais do que partilhar a informação, é compreender o outro”.

A comunicação é uma interação entre as pessoas, através da troca de informações, ideias e conhecimentos, existindo neste processo um emissor, recetor e o meio pelo qual a mensagem será transmitida (Reis & Azevedo, 2020).

O ser humano é um ser biológico, psicológico e social e em relação a esta última dimensão fica perceptível que para sobreviver, o ser humano necessita interagir com o meio onde está inserido e comunicar com os seus semelhantes. Para tal, socorre-se de uma capacidade que lhe é única e que o distingue dos outros seres vivos: a capacidade de se expressar através da linguagem, capacidade essa que lhe permite organizar os seus pensamentos, as suas crenças e o seu mundo interior, e exteriorizá-las através da língua oral (e também da escrita) (Nobre & Fávero, 2011). Através da comunicação, as relações são formadas e mantidas (Kuèerová, 2009 citado por Barbosa, 2019).

Alves (2003) relata que se observarmos à nossa volta, constatamos que os seres vivos comunicam de modos diferentes dependendo da espécie e não se isolam, tal como os seres humanos que sentem necessidade de comunicar.

Ao envelhecer, o corpo pode começar a apresentar algumas alterações, nomeadamente na visão, audição, tato, paladar, olfato, reflexos na linguagem verbal e não verbal, assim como, o surgimento de doenças, como as demências, a diabetes, os

acidentes vasculares cerebrais, entre outras, que podem alterar a linguagem e outras funções cognitivas (Paes da Silva, 2000)

Para a comunicação, a cognição é essencial. Engloba o pensamento, a memória, compreensão e o raciocínio possibilitando conexões com o mundo exterior e compreensão do seu significado (Mailloux-Poirier, 1995 citado por Mendes e Loro, 2002). A comunicação não é apenas a troca verbal entre indivíduos, inclui as expressões faciais, expressão corporal, a postura física, a distância entre os intervenientes, etc. Os idosos podem apresentar algumas dificuldades na comunicação verbal, mas conseguem perceber através da atenção e da comunicação não verbal, aptidão que se obtém ao longo da vida (Paes da Silva, 2000).

Mendes e Loro (2002) referem que se deve ter em conta os diferentes aspetos da comunicação verbal e não-verbal quando se estuda a comunicação com idosos. Tendo em atenção que cada indivíduo tem a sua linguagem própria, a sua forma própria de comunicar, e só assim é possível compreender os sinais desse contexto cultural e social.

Alves (2003) refere que “Cuidar é servir, é oferecer ao outro, em forma de serviço, o resultado dos nossos talentos, preparação e saberes. Cuidar é perceber o outro como ele se mostra, nos seus gestos e falas, na sua dor e limitações”. Comunicar e saber comunicar é fundamental para cuidar. Por isso, deve-se ter em atenção se a comunicação com idosos é feita de forma eficaz a fim de melhorar os cuidados prestados. Durante o processo de envelhecimento a habilidade para a comunicação torna-se um fator fulcral, pois a população idosa passa por uma série de mudanças que causam impacto na sua vida e podem levar à exclusão social (Paloma, Schülter Buss Heidemann, Marçal & Arakawa-Belaunde, 2019).

Abordando agora a comunicação com a pessoa surda, segundo Selçuk (2005) citado por Barbosa (2019), quando num ambiente, os sujeitos que se comunicam não conhecem a forma de comunicação dos outros, dão sentido à atitude e ao comportamento das suas normas culturais. Este cenário origina conflitos comunicacionais entre indivíduos com culturas diferentes. Quando se trata de uma pessoa surda, podem existir barreiras na comunicação que podem comprometer o diálogo, isto porque a falta de comunicação oral faz com que o surdo esteja excluído da sociedade ouvinte (Oliveira, Celino e Costa, 2015).

No primeiro artigo da Carta dos Direitos da Pessoa Surda (2001 citado por Barbosa, 2019), com o objetivo de colmatar as barreiras na comunicação da pessoa surda,

é declarado que toda a pessoa surda tem o direito de usar livremente a língua gestual. Desta forma, nenhuma pessoa surda pode ser privada do uso da sua língua natural.

Vivemos numa sociedade, onde a língua predominante é a língua oral, o que faz com que, geralmente, os indivíduos não estejam preparados para receber a pessoa surda. E, por isto, numa interação entre uma pessoa surda e uma pessoa ouvinte podem existir dificuldades de comunicação (Oliveira, Celino & Costa, 2015).

Para comunicar com a pessoa surda deve-se:

- “evitar falar de costas, de lado ou com a cabeça baixa;
 - olhar para a pessoa surda enquanto fala;
 - falar com movimentos labiais bem definidos para que a pessoa surda possa compreender;
 - falar naturalmente, sem alterar o tom de voz ou exceder nas articulações;
 - usar gestos que simbolizem as palavras e que possam ajudar na comunicação. Exemplos: não, pequeno, dinheiro, muito;
 - ser expressivo, pois a expressão facial auxilia a comunicação;
 - caso queira chamar à atenção, movimentar as mãos no campo visual da pessoa surda ou tocar gentilmente no seu braço;
 - se apresentar dificuldades em compreender o que a pessoa surda está a dizer, ser sincero e dizer que não compreendeu;
 - pedir à pessoa para repetir o que disse caso não tenha entendido. Se não entendeu, peça para escrever. Usar palavras simples para esta comunicação.
 - pedir à pessoa surda para lhe ensinar (mais) alguns gestos em língua gestual.”
- Secretaria Nacional de Justiça (2009, citado por Barbosa, 2019)

Com a finalidade de apoiar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, conta-se com o intérprete de LGP, correspondendo a um profissional qualificado e academicamente habilitado para fazer a mediação comunicativa e cultural entre estas duas comunidades (Barbosa, 2019). É um facilitador da comunicação entre pessoas surdas e pessoas ouvintes, transferindo as mensagens produzidas por uma pessoa de uma língua para a outra, a nível linguístico e cultural (Magalhães, 2013).

3) O envelhecimento

O envelhecimento é um processo natural que caracteriza uma fase da vida do ser humano. Ocorrem mudanças físicas, psicológicas e sociais que afetam de forma específica cada pessoa (Mendes, 2005 citado por Ferreira, 2015). É impossível constatar quando começamos a envelhecer, porque depende de alguns aspetos que variam de pessoa para pessoa. Envelhecer é um processo de degradação contínua e distinto (Fontaine, 1999 citado por Alves, 2003).

A fase da velhice vem normalmente acompanhada de associações a sentimentos além das mudanças no corpo (Rocha, 2018). Por isto, o envelhecimento é um processo que é alinhavado ao longo da vida. Tem como resultado perdas físicas, mentais e sociais que em simultâneo com fatores externos, vai suscitar sentimentos como o medo, a angústia, a solidão e a dor pelo aproximar da morte (Alves, 2003).

O processo de envelhecimento abrange alterações que vão desde os processos mentais, da própria personalidade, das motivações da pessoa, das aptidões sociais, ou seja, o envelhecimento, do ponto de vista psicológico, vai depender de fatores de ordem genética, patológica (doenças e/ou lesões), de potencialidades individuais (processamento de informação, memória, desempenho cognitivo, entre outras); com influência do meio ambiente e do contexto sociocultural (Irigaray, Schneider e Gomes, 2011)

A adoção de um conjunto de medidas que visam a melhorar a vida dos indivíduos associada a baixas taxas de natalidade e mortalidade, levaram ao aumento da esperança média de vida da população. Este é um aspeto significativo das sociedades atuais, observando-se um aumento considerável da população idosa (Cunha, 2014).

Esta mudança demográfica é um fenómeno relevante para a humanidade. Apresentam-se novas necessidades de saúde dos idosos, famílias e comunidade. O envelhecimento faz parte do ciclo de vida do ser humano e assim cada vez mais será uma fase comum à grande maioria da população (Azeredo, 2011).

Esta ideia é comprovada pelas estatísticas, que se direcionam no sentido do aumento da esperança média de vida. Em 2011, na população portuguesa, este indicador situava-se em 79,2 anos e em 2050 as estimativas apontam para o valor de 81 anos (Bandeira et al., 2012). Os mesmos autores preveem desequilíbrios na estrutura da população portuguesa, o que irá originar novas necessidades de apoio à comunidade, e em particular, às pessoas com idade avançada.

O envelhecimento da população exige medidas e ações a fim de melhorar a qualidade de vida dos idosos e garantir a sua integração na sociedade. As pessoas idosas, atualmente, vivem mais tempo, mas é premente que vivam com qualidade, incluídos na sociedade e na família, com meios de sustento e apoios necessários (Carvalho & Mota, 2012).

O envelhecimento não consiste só em só perdas e limitações, e devem ser trabalhadas com os idosos estas questões. É possível a criação de novas vivências e amizades nesta fase (Couto et al., 2008)

O desafio deste século é proporcionar qualidade de vida durante a velhice, pois não faz sentido conseguirmos que as populações vivam mais anos se depois não lhes conseguimos dar a possibilidade de viver com qualidade e alegria (Carvalho & Mota, 2012).

O envelhecimento com qualidade depende também do suporte social/redes de apoio (Lopes, 2007). A educação de e para a pessoa idosa é uma ferramenta na promoção de um envelhecimento ativo, possibilitando à pessoa idosa uma adaptação e um ajustamento às alterações características dessa etapa de vida (Antunes & Moreira, 2018).

Por isso, estudar o processo de envelhecimento é fundamental para precisar a etiologia dos processos degenerativos que lhes estão associados, mas também para conhecer e elaborar estratégias que reduzam os efeitos de senescência, proporcionando uma vida autónoma e positiva (Carvalho & Mota, 2012).

A forma de envelhecer, ativa ou não, faz parte do processo da vida. A participação do idoso na cultura, lazer e socialização é muito importante na prevenção de situações de isolamento social, violência, quebra de vínculos familiares e comunitários, apoio na depressão, entre outras vantagens (Ferreira, 2015).

Segundo Serafim (2007) foram surgindo ao longo dos tempos diferentes teorias, que contribuem para demonstrar como o indivíduo se adapta ao estado de idoso e explicar a forma como ocorre o seu processo de envelhecimento.

No âmbito desta investigação considerou-se interessante apresentar duas das várias teorias do envelhecimento, a teoria do meio social e a teoria da subcultura, dado que ambas espelham a realidade da comunidade surda.

Segundo a teoria do meio social, o comportamento que se verifica na velhice depende de fatores biológicos, sociais e económicos, procurando relacionar com os aspetos estruturais, interativos e pessoais. É fundamental a caracterização do meio no

“contexto individual” - saúde, recursos económicos, apoios sociais, qualquer um destes fatores possui um peso significativo na forma de viver a velhice. E a caracterização do “contexto social” onde fazem parte as expectativas (Serafim, 2007).

Em alguns contextos, tendo em conta a proximidade entre os indivíduos da mesma idade, que partilham as mesmas ideias, comportamentos e atitudes há facilidade de interação social. Mas, existem também contextos que proporcionam uma certa distância entre as pessoas e uma heterogeneidade em termos de idade, o que reduz a possibilidade de interação (Serafim, 2007).

Conclui-se então que, diferentes contextos sociais dão origem a comportamentos variados entre as pessoas e exigem respostas diferenciadas aos idosos e que a interação social pode ser facilitada através da relação que existe entre a proximidade física e a homogeneidade etária (Serafim, 2007).

Na teoria da subcultura, a idade é vista como uma forma de subcultura, acabando esta por delimitar e encaminhar os comportamentos dos indivíduos. Os idosos compartilham entre si valores, normas, comportamentos sendo possuidores de uma subcultura. Com as características comuns apresentadas por diferentes idosos é possível proceder-se à constituição de um grupo social divergente de todos os outros (Serafim, 2007).

O aparecimento desta teoria deve-se a três fatores:

- aumento do número de idosos, formando uma categoria particular, com ideias, valores e comportamentos idênticos;
- a privação de participar na sociedade, através de acontecimentos como a aposentação (separação social) ou a sua situação de saúde (separação física), despertando nos idosos a noção de que são “diferentes” dos outros, tanto pelas suas ideias, pelos seus valores e pelos comportamentos partilhados entre eles, como pelas posturas dos remanescentes elementos da comunidade face aquele grupo específico;
- os idosos que fazem parte de uma geração que viveu um tipo de experiência e possuem uma forma característica de ver a vida e a sociedade, sustentada em valores muito seguros e por vezes custosamente compreendidos por gerações mais jovens; a consciência de si enquanto grupo “autónomo” origina como é óbvio um “espírito de corpo” um “espírito de grupo” (Serafim, 2007).

Quando se fala de envelhecimento, fala-se também no conceito de envelhecimento ativo que, na perspetiva da Organização Mundial de Saúde (2002), consiste na participação individual em certas atividades: físicas, mentais, produtivas e não produtivas (responsabilidade individual) e na melhoria de oportunidades, favorecimento do sucesso individual, prestação de apoios e conduta com base nos direitos dos idosos (responsabilidade coletiva). A qualidade de vida que se entende pelo bem-estar físico, social e mental, constitui, assim, um dos objetivos do envelhecimento ativo.

A participação na comunidade deve ser de acordo com as necessidades, desejos e capacidades, excluindo formas que não consideram as especificidades dos indivíduos.

O envelhecimento ativo, no ponto de vista da União Europeia (1999, citado por São José & Teixeira, 2014), consiste em estilos de vida saudáveis e atividades produtivas, como por exemplo, manter atividade profissional até mais tarde, adiamento da reforma ou continuidade da atividade profissional depois da reforma. Esta visão aponta para uma responsabilidade individual, mas também coletiva pois engloba o incentivo de oportunidades, prestação de apoios e direitos dos idosos.

Constata-se que as políticas devem considerar que as vivências das pessoas são diferentes e que os idosos não são um grupo homogéneo (OMS, 2002). Uma perspetiva onde as necessidades, interesses e as competências dos idosos são valorizadas, proporciona a autonomia e a afirmação deste grupo (Almeida, 2007).

4) A institucionalização de idosos

A velhice é caracterizada pela mudança ou perda de funções, como a diminuição dos recursos económicos, alterações nas relações familiares e sociais, dificuldades nas atividades de vida diária (Tavares, Gomes, Dias, & Santos, 2012, citado por Lima et al, 2016). A família, geralmente, não está preparada, nem possui estrutura física, económica, conhecimento e tempo para apoiar e cuidar do idoso nessa fase, e por isso, procura alternativas e instituições onde acolham os seus familiares idosos (Lima et al., 2016).

Azeredo (2011) afirma que, se na família continuar a existir um clima de harmonia, afetividade e comunicação, o comportamento da família, face às necessidades do idoso podem manter-se sem afastamento familiar. A família é o espaço favorável para o auxílio à vida e à saúde dos seus membros (Figueiredo et al., 2011 citado por Freitas, 2014).

Os sistemas de saúde e de proteção social, têm atribuído às famílias as responsabilidades dos cuidados aos seus membros em caso de dependência e doença. A resposta da família depende de vários fatores: o grau de dependência do idoso, das suas experiências e dos recursos formais e informais (Araújo, Paúl & Martins, 2010).

As redes de suporte dividem-se em rede informal - família, os vizinhos, ou amigos; e rede formal - serviços existentes na rede de serviços e equipamentos sociais (Portugal, 2009). O apoio da rede informal corresponde a um apoio continuado ligado a um sentimento de solidariedade ou dever moral. Em relação ao apoio da rede formal, este é fornecido por ajudas externas à família (Araújo, Paúl & Martins, 2010).

Na rede informal é onde o idoso se sente amado e valorizado, e pertencente ao grupo, diminuindo, dessa forma, o risco de isolamento (Portugal, 2009 citado por Freitas, 2014). No presente, como já referido anteriormente, a família necessita de ajuda da rede de apoio formal, através de instituições, a fim de proporcionar um melhor resultado face às necessidades de cuidados dos idosos (Pereira, 2012).

Numa instituição, o idoso precisa de reformular os papéis sociais. É necessário que crie novas relações, novos hábitos de ocupação dos tempos livres, ou seja, que se adapte às regras e rotinas da instituição. Isto faz com que ocorra uma reconstrução da identidade, com emoções e sentimentos bastante marcados (Pereira, 2012).

No processo de envelhecimento, surgem alguns problemas como a perda da utilidade social, reforma, doenças, degeneração física e mental, proximidade da morte,

entre outros, tudo isto provoca sentimentos negativos no idoso (Paes, 2007 citado por Lima et al., 2016). Por outro lado, o facto de conviver com várias pessoas e criar-se uma rede de amizade e uma “nova família”, com novas experiências, pode tornar o idoso mais animado (Lima et al., 2016).

4.1) Institucionalização de idosos surdos: uma utopia?

Spadafora e Côrte (2013) relatam que idosos surdos que vivem na cidade de São Paulo procuram um lugar onde se sintam integrados, sem o estereótipo da deficiência. Idealizam um espaço autosssegado para envelhecerem juntos.

Castel (1997, citado por Spadafora & Côrte, 2013) referiu que a primeira razão para se duvidar da exclusão é exatamente a heterogeneidade dos seus usos, porque se aplica a variadíssimas situações diferentes, ocultando as particularidades de cada uma, ou seja, a exclusão não é uma noção analítica. O conceito de exclusão é classificar de uma forma negativa, sem referir o que consiste e do que resulta.

Este grupo de idosos começou a idealizar um espaço para si. Na perspetiva das outras pessoas, é um espaço para os “excluídos”, pois seria um espaço isolado da comunidade ouvinte. Este espaço autosssegado, ou “espaço de exclusão” como Castel dizia, possibilita que a identidade surda seja exposta na sua singularidade. A vontade de terem um espaço para se relacionarem reafirma o desejo de envelhecer em grupo, porque sentem-se mais fortalecidos juntos dos que são “iguais” a eles, onde se entendem e se comunicam (Spadafora & Côrte, 2013). Referem que este grupo de surdos idosos de São Paulo, conhece a dificuldade que é encontrar profissionais capacitados para os atender em língua gestual, mas também sabem e conhecem os seus direitos.

A antropóloga Guita Debert (1999) relativamente ao desejo deste grupo, sugere que seja reconsiderada a oposição entre integração e segregação. A mesma refere que os estudos sobre o envelhecimento, não confirmam a ideia de que a integração na sociedade multigeracional garanta o tempo todo o bem-estar à pessoa idosa:

“Muitas vezes, nos ambientes onde todos são idosos, a velhice deixa de ser uma marca identitária e a satisfação passa a ser maior. Há uma busca de independência e de estar entre os iguais, de forma similar aos adolescentes. É importante não ter uma visão binária de segregação e integração.”

(Castro, 2011 citado por Spadafora & Côrte, 2013).

A entrada numa instituição de acordo com Debert (1999) pode ser entendida como uma solução que possibilita a independência do idoso e o protege de uma complexidade de papéis sociais e de uma vida que estaria ameaçada ou num verdadeiro declínio fora da instituição. As vantagens da instituição, para além das instalações, é a certeza que é um lugar onde a sua vida está controlada e não está sozinho e é isso que se constata neste grupo de idosos surdos de São Paulo.

Na sequência das leituras e pesquisas por nós desenvolvidas, foi possível encontrar duas instituições para idosos surdos no estrangeiro, uma holandesa e outra americana. A partir das suas páginas web¹² foi possível conhecer as suas histórias e evolução. A associação Cristã Holandesa para surdos, criou em 1953, uma vila onde os surdos podiam viver juntos, chamada *De Gelderhorst*. Esta vila começou a ter muitos moradores e por isso decidiram procurar um novo local de residência e mudaram-se em 1972. Mais tarde, em 1997, *De Gelderhorst*, foi novamente inaugurado, mas noutro local, porque os residentes começaram a apresentar uma necessidade crescente de cuidados. *De Gelderhorst*, tem um lar para 80 idosos surdos e 81 apartamentos onde vivem de forma independente.

É o único lar de idosos na Europa especificamente para surdos. Neste lar muitos funcionários também são surdos e os funcionários ouvintes recebem formação para comunicar em língua gestual ou podem recorrer aos intérpretes que também estão presentes, tudo isto determina em grande parte o bem-estar dos residentes.

Os espaços são bem iluminados e sem barreiras, o que possibilita comunicar à distância, existem telefones com acesso a videochamada, alarmes visuais e outros recursos próprios para surdos. Os surdos sentem-se em casa, estão juntos e entendem-se.

Na sua criação, em 1953, Jan Leenhouts, membro da associação cristã holandesa para surdos, disse “Há vinte anos, nem imaginava que iria conseguir abrir este Lar. Às vezes parecia que as pessoas se esqueciam que também havia surdos com alma. Mas agora, por meio do amor e do sacrifício, esta casa, a nossa própria casa, surgiu. A alegria é ainda maior quando percebemos que a sociedade começou a mostrar mais compreensão e interesse pelos nossos problemas”.

¹ <http://nehd.org/history/>

² <https://www.gelderhorst.nl/>

Nos Estados Unidos da América, em 1901, o Rev. Dr. S. Stanley Searing reuniu-se com um grupo de homens para discutir a necessidade de criar um lar para cuidar de idosos surdos e surdocegos em New England. Começaram imediatamente a recolher fundos com esse objetivo e em maio foi inaugurado, chamando-se *New England Homes for the Deaf*. Em 1905, o lar estava lotado. Novamente através de angariação de fundos compraram uma nova casa. O lar foi crescendo ao longo dos anos.

Na década de 1980, a aprovação da Lei dos Americanos Idosos, ajudou na promoção dos Conselhos sobre o Envelhecimento (COA) como meio de apoio aos idosos. Os idosos surdos, consideraram que seria impossível conseguirem qualquer benefício nos Conselhos sobre o Envelhecimento devido à falta de acesso à comunicação. Por isso, com a ajuda de várias entidades da área do envelhecimento, conseguiram em 1987 criar cinco centros para Idosos Surdos no estado de Massachusetts, em Boston, Danvers, Quincy e Lawrence.

O lar *New England Homes for the Deaf* foi premiado pela Organização Nacional de Deficiência, JC Penny e pela Associação Americana de Moradia e Serviços para Idosos.

Conforme os residentes deste lar iam envelhecendo, notou-se que não estavam assegurados os serviços de enfermagem adequados. O Conselho de Cuidadores, procurou novamente ajuda da comunidade para arrecadar fundos para um novo edifício. Em 2004, foi inaugurado o novo lar/serviço de enfermagem totalmente equipado e adaptado, com 60 camas.

A história do lar *New England Homes for the Deaf* tem sido baseada nos esforços de angariação de fundos daqueles que se dedicam a garantir a perpetuação da missão do lar, que é oferecer assistência médica contínua, habitação, atividades recreativas e apoio social para pessoas surdas, surdocegas num ambiente acessível, sem barreiras, culturalmente sensível e com a comunicação e os recursos arquitetónicos que este grupo precisa.

Em Portugal, como foi referido na introdução deste estudo, não existe nenhuma instituição como as que foram apresentadas anteriormente. É uma problemática que tem sido discutida na comunidade surda, mas que até agora não culminou em nenhuma solução.

Como mencionado na introdução foi realizado um trabalho no âmbito de uma unidade curricular do mestrado em gerontologia, para o qual concretizei pequenas

entrevistas a um grupo de idosos que frequentam, semanalmente, o grupo de seniores da Associação Portuguesa de Surdos. Um dos entrevistados partilhava o seguinte: “Estou preocupado com o futuro dos idosos surdos, é preciso um lar para nós. Tenho um amigo surdo que foi para um lar onde apenas existiam ouvintes, sentiu-se bastante isolado, muito ansioso, nervoso e morreu muito cedo! Isto acontece! É necessário que haja comunicação para a pessoa não perder as suas capacidades”. E referiu também já ter visitado um lar americano para surdos e contou “quando lá entrei arrepiei-me, emocionei-me, era perfeito! Os utentes eram todos surdos, os profissionais que lá trabalhavam eram ouvintes, mas sabiam língua gestual. Os surdos conversavam, pintavam, costuravam, eu fiquei muito surpreendida!”.

As conclusões retiradas desde trabalho, convergem para a ideia de que, segundo todos os sujeitos entrevistados, a dificuldade na comunicação com ouvintes constitui o principal obstáculo, justificando, por essa via o medo em relação ao futuro. Alguns destes idosos surdos, apesar de oralizarem sentem que precisam de apoio do intérprete de língua gestual ou de algum familiar que faça a mediação da comunicação.

Importa acrescentar que nenhum referiu que se sentia isolado, porque também procuram formas para não se sentirem sozinhos, como por exemplo a ida semanal à associação. Referiram que participam neste grupo porque podem comunicar em língua gestual com os amigos, além de conviver. E em relação à possibilidade de irem para um lar, mostraram preferência por um lar com pessoas surdas onde consigam comunicar com os pares ou que coloquem intérprete no lar. Todos querem a criação de uma resposta social preparada para receber pessoas surdas, dando exemplos de outros países.

A Federação Portuguesa das Associações de Surdos (FPAS), organizou em novembro de 2020, a semana da LGP, para comemorar os 25 anos da criação da comissão do reconhecimento da LGP, esta comemoração consistiu em diretos diários na página do *Facebook*, com temas definidos para cada dia. Em um dos dias foi abordado no direto o tema Surdos Seniores, e teve colaboração da Associação Portuguesa de Surdos. Neste direto, foi clara a concordância entre os participantes de que a área dos surdos idosos constitui uma preocupação para todos.

Foi mencionado neste direto, que a FPAS já tinha organizado por duas vezes, eventos com o intuito de debater este tema, um deles até com representantes do lar holandês. Mas concluiu-se que não recaiu a preferência num lar para surdos, mas sim um centro de dia. O principal problema levantado à criação de um lar, foi o local, pois

ninguém quer ficar afastado da sua terra, da sua família. Por isso, a hipótese do centro de dia teve mais interessados, mas um centro de dia requer uma participação diária e isso foi outro entrave. Após tanta luta, não se chegou a nenhum consenso.

Um dos participantes, surdo, referiu: “Mas é importante e é preciso falar da questão de um lar para surdos. Todos devemos pensar nisso, pois é o nosso futuro. Um lar com ouvintes sem língua gestual? Ou um lar onde consigam comunicar em língua gestual? É uma preocupação. Os ouvintes têm respostas sociais para idosos adequadas, e os surdos? Quando é que esta questão se vai resolver?”.

Um dos participantes lembrou uma situação que o deixou triste, quando numa altura, há anos, um grupo de uma instituição representativa da comunidade surda apresentou a entidades superiores a necessidade em criar um lar para surdos, e disseram-lhes que isso seria um gueto “Gueto, enfim... aquela palavra que nos diziam que nós ao querermos um lar apenas para surdos era um gueto. E esse não era o nosso objetivo, nunca foi, o nosso objetivo era ser para todos, mas obviamente haver um grupo de pessoas surdas. (...) é a língua gestual portuguesa, é dá-la às pessoas’ (...)”.

Destacaram também a importância dos CODA estarem presentes nesta luta, “pois para que surjam avanços é preciso que os filhos dos surdos estejam nesta luta também, pois muitas vezes são eles que têm poder de decisão em relação aos pais. E estes filhos muitas vezes acarretam muitas responsabilidades e exigem uma resposta às associações”.

II - ABORDAGEM METODOLÓGICA

(1) Estratégia metodológica

A estratégia metodológica mobilizada para esta investigação contempla vários tipos de abordagem. Como ponto de partida, começamos por realizar uma pesquisa bibliográfica em função do tema dos surdos idosos, atendendo que a nossa intenção foi, desde o início, analisar este tema pelas razões que foram expostas nos capítulos iniciais desta dissertação. Esta pesquisa bibliográfica contribuiu bastante para sustentar o quadro teórico-concetual que fundamenta este trabalho.

Inicialmente, esta pesquisa tinha como objeto de estudo os profissionais de instituições para idosos e na abordagem metodológica, tinha como um dos instrumentos de recolha de dados as entrevistas exploratórias a surdos idosos, fluentes em língua gestual portuguesa e não institucionalizados. As entrevistas foram realizadas em novembro de 2019, com o propósito de proceder a uma recolha das perspetivas destes surdos relativamente às instituições para idosos, em particular as suas perceções sobre o que achavam necessário para que os outros os entendam, ajudem, no dia a dia. O objetivo seria chegar a conclusões que permitissem preparar entrevistas aos profissionais de uma instituição para idosos.

Devido a dificuldades em encontrar instituições de idosos com alguma experiência com surdos fluentes em LGP, e dificuldades a nível pessoal, de deslocação e dispensa de trabalho para realizar o estudo, a opção recaiu na alteração do objeto de estudo.

Com esta mudança, procurou-se potenciar a informação obtida por via das entrevistas entretanto realizadas, atendendo ao conteúdo informativo relevante que as mesmas proporcionaram.

(2) População e amostra e instrumentos de recolha de dados

Como atrás mencionado, procedeu-se à alteração do objeto de estudo inerente a este projeto de investigação. A estratégia metodológica foi reorientada, mantendo-se a opção por uma abordagem qualitativa, mas agora centrada na realização de entrevistas a quatro surdos idosos e dos respetivos filhos (três). Posteriormente, procedeu-se à

realização de um grupo focal com a participação de várias entidades presentes na sociedade relacionadas, direta ou indiretamente, com a temática (associação de surdos, representante de uma instituição para idosos, associação local, técnico de saúde, entre outros...) com o objetivo fundamental de partilhar experiências e compreender e refletir a partir de diferentes perspetivas sobre o tema.

A entrevista corresponde a uma técnica de pesquisa, utilizada com frequência em processos de investigação sobre as perspetivas dos sujeitos a respeito de determinadas temáticas (Sade, Barros, Melo e Passos, 2013). As entrevistas são importantes para conhecer práticas, crenças e valores sociais específicos (Duarte, 2004).

Recorre-se à entrevista quando se acredita que para compreender certo comportamento social é necessário ter em consideração a perspetiva dos indivíduos que o vivenciam (Sade, Barros, Melo e Passos, 2013).

A realização de entrevistas, nomeadamente entrevistas semiestruturadas deve possibilitar um contacto, simultaneamente formal e informal, para assim favorecer um discurso livre, embora mantendo os objetivos da pesquisa (Duarte, 2004).

Para a realização de uma boa entrevista, é necessário ter em linha de conta alguns aspetos, como por exemplo, ter os objetivos do estudo bem definidos e conhecer bem o contexto onde se pretende realizar a investigação. A análise das entrevistas exige muito cuidado na interpretação e a elaboração de categorias de análise que permitirão a sistematização da informação recolhida (Duarte, 2004).

O grupo focal corresponde a uma técnica de recolha de dados, igualmente de natureza qualitativa (Debus, 1997 citado por Aschidamini e Saupe, 2004) que tem como principal objetivo aferir informação a partir da interação e discussão entre os participantes e o moderador/facilitador, acerca de questões específicas (Iervolino & Pelicione, 2001). Esta técnica de pesquisa permite a criação de novas ideias e de novas possibilidades, a interpretação de crenças, valores, conceitos e pontos de vista (Debus, 1997 citado por Ressel et al., 2008).

Uma das tarefas fundamentais na preparação do grupo focal é a escolha dos participantes, pois essa seleção influencia a informação a recolher tendo em conta os objetivos da pesquisa (Westphal, Bogus & Faria, 1996 citado por Aschidamini e Saupe, 2004). A elaboração do guião do grupo focal, com questões qualitativas e abrangentes que promovam a discussão, é também fundamental, pois auxilia o moderador na condução da sessão (Meier & Kudlowiez, 2003).

O moderador do grupo focal “é um facilitador do debate” (Dall’agnol & Trench, 1996 citado por Aschidamini e Saupe, 2004), sendo desejável que tenha experiência na condução de atividades em grupo, proporcionando empatia. Deve igualmente saber escutar e ter entusiasmo para gerir o grupo durante a discussão. Um ambiente descontraído e que possibilite a troca de diferentes experiências e perspetivas constitui um aspeto basilar na realização de qualquer grupo focal.

O grupo focal foi conduzido pela coorientadora desta investigação, e interpretado de e para LGP pela investigadora, uma vez que dois dos participantes eram surdos.

(3) Considerações éticas

No que concerne a considerações éticas, foi dada uma explicação sobre o estudo e apresentados os respetivos objetivos, aos participantes das entrevistas e do grupo focal. Do mesmo modo, tomaram conhecimento de que seria assegurada a confidencialidade dos dados e que os dois estudos seriam gravados em registo audiovisual, para posterior transcrição, uma vez que os mesmos decorreriam em LGP.

Em anexo, encontram-se o consentimento informado, os guiões das entrevistas (surdos idosos e filhos) e o guião do grupo focal.

III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

1) Contexto empírico

Considera-se “pessoa surda” a todo o indivíduo que, por não ouvir, é plenamente visual, acedendo por isso, naturalmente, à língua gestual da respetiva comunidade, construindo assim uma identidade cultural própria (Ministério da Educação, 2007).

Segundo Venade (2014) o surdo é conhecido como exemplo de diversidade humana, cultural e linguística, e deve ser tido em conta enquanto membro de uma comunidade cultural, com relações sociais e históricas muito fortes.

Para este estudo, a amostra considerada é constituída por quatro surdos idosos e três filhos destes mesmos indivíduos surdos. O contacto com os primeiros foi realizado através dos filhos, uma vez que possuíamos os contactos de todos eles.

Na sequência da aceitação em participar no estudo, foi agendada a data para a realização de cada entrevista, tendo as mesmas sido realizadas presencialmente, com o respetivo consentimento informado, através do qual, como referido anteriormente, eram apresentados os objetivos da investigação e garantida a confidencialidade dos dados, bem como o anonimato dos entrevistados. Assegurou-se também que a informação disponibilizada apenas seria utilizada neste estudo.

1.1) Dados de caracterização sociográfica dos surdos idosos

A amostra dos surdos idosos é constituída por quatro pessoas surdas com idades compreendidas entre os 67 e os 90 anos, três do sexo feminino e um do sexo masculino, sendo todos eles viúvos. Apenas um destes surdos frequenta uma resposta social para idosos, neste caso, um centro de dia e sempre que possível, ao fim de semana, participa em convívios na Associação de Surdos do Porto. Dois outros surdos entrevistados, à semelhança do anterior, participam, sempre que possível, nos convívios dos surdos seniores da Associação Portuguesa de Surdos.

Três têm como habilitações académicas a 4ª classe e um a 3ª classe e neste momento todos estão reformados.

Apenas um destes surdos vive sozinho, sendo também o único a ter outros familiares surdos na família.

Apesar de todos apresentarem uma surdez bilateral profunda (dois congénita e dois adquirida), três referiram que para comunicar com ouvintes recorrem à oralidade e um disse que recorre à mímica.

Todos tiveram contacto com a LGP e a língua portuguesa em simultâneo. Referem ainda que a idade com que tiveram o primeiro contacto com a LGP foi entre os 5 e os 8 anos.

Quadro 1: Dados de caracterização sociográfica dos surdos idosos

	Sujeito A	Sujeito B	Sujeito C	Sujeito CC³
Sexo	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino
Idade	90 anos	74 anos	90 anos	67 anos
Habilitações académicas	4ª classe	4ª classe	3ª classe	4ª classe
Profissão	Costureira	Costureira	Marceneiro	Costureira
Condição perante o trabalho	Reformada	Reformada	Reformado	Reformada
Estado civil	Viúva	Viúva	Viúvo	Viúva
Vive sozinho	Não	Sim	Não	Não
Grau de surdez	Profunda	Profunda	Profunda	Profunda
Surdez adquirida ou congénita?	Adquirida	Congénita	Congénita	Adquirida
Idade 1º contacto LGP	8 anos (mas na escola era utilizado o método oralista)	7 anos	8 anos	5 anos

³ Sujeito que vive com o sujeito C, mas ambos são viúvos.

Idade 1º contacto LP	8 anos	7 anos	8 anos	A partir dos 6 anos
Como comunica com os ouvintes?	Oralmente	Oralmente	Mímica (muito comunicativo)	Oralmente
Existem mais surdos na família?	Não.	Sim, 3 irmãos.	Alguns primos afastados.	Não.

1.2) Dados de caracterização sociográfica dos filhos

A amostra dos filhos de surdos idosos é constituída por três sujeitos do sexo feminino pertencentes ao grupo etário entre os 25 e os 64 anos.

Dois destes têm uma profissão relacionada com a LGP, não vivem com os pais surdos e comunicam com eles em LGP e oralmente.

O terceiro elemento vive com a mãe surda que frequenta um centro de dia, e não domina a LGP, comunicando com a mãe através da oralidade, gesticulando ainda algumas palavras.

Quadro 2: Dados de caracterização sociográfica dos filhos

	Sujeito A1⁴	Sujeito B1⁵	Sujeito C1⁶
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino
Grupo etário	25-64	25-64	25-64
Habilitações académicas	Ensino secundário	Licenciatura	Mestrado
Profissão	-	Intérprete de Língua Gestual Portuguesa	Professora de Tradução e Interpretação em LGP/Intérprete de LGP

⁴ Filho do sujeito A

⁵ Filho do sujeito B

⁶ Filho do sujeito C e enteado do sujeito CC

Condição perante o trabalho	Desempregada	Empregada (freelancer e em simultâneo trabalhadora por conta de outrem)	Empregada
Tem irmãos?	Sim	Não.	Sim, uma irmã mais velha.
O seu agregado familiar inclui os seus pais?	Sim	Não, vivemos em casas separadas.	Vivemos em casas diferentes.
Os seus pais frequentam alguma instituição para idosos?	Centro de dia.	Não.	Não. Frequenta a APS Sénior, à quarta à tarde.
Domina a LGP?	Não	Sim	Sim
Como comunica com os pais?	Oralmente e gesticulando mais.	É uma mistura de língua gestual portuguesa com muita oralidade.	LGP.

1.3) Análise de resultados das entrevistas

O guião elaborado de suporte à realização das duas entrevistas foi elaborado tendo em conta os objetivos do estudo. No caso da entrevista aos surdos idosos, o guião era constituído por sete perguntas e o guião elaborado para a entrevista aos filhos destes surdos idosos contemplava oito perguntas.

Após interpretação e transcrição dos vídeos/gravações e leitura, procedeu-se à sistematização dos resultados obtidos com ambas as entrevistas, tendo essa informação sido dividida em cinco categorias que decorrem diretamente dos objetivos de partida: i) dificuldades e preocupações, ii) necessidades dos idosos surdos e dos filhos dos idosos surdos, iii) expetativas em relação ao futuro, iv) resposta social adequada à comunidade surda e v) importância dos surdos estarem com outros surdos.

Importa referir que na entrevista aos idosos surdos, foram sentidas várias dificuldades na obtenção de uma resposta, isto porque, na maioria das vezes não conseguiam ir de encontro ao objetivo da pergunta, divagando, por exemplo, em histórias da infância ou da adolescência. Para contornar esta situação procurou-se a ajuda dos filhos, quando estavam presentes, para tentar explicar a pergunta de outra forma, mais simples, mais direta, dando exemplos, tendo, contudo, persistindo algumas dificuldades.

Relativamente à primeira categoria dificuldades e preocupações que sentiam, o sujeito A referiu que atualmente se esquece de muitas coisas e se sente mais ansioso e a sua preocupação é apenas relativamente à saúde dos seus familiares. O sujeito B considera a sua vida normal apesar do receio de ficar sozinha e de ser uma preocupação normal quando se envelhece. O sujeito C apontou como dificuldade sentida o facto de necessitar sempre de apoio das filhas, para ir ao médico, por exemplo, pois sozinho não conseguiria. O sujeito CC, não expôs nenhuma dificuldade/preocupação relacionada à surdez, disse que nota mais cansaço com o passar dos anos mas que gosta de estar sozinha e de não estar dependente de ninguém.

No que concerne aos filhos, primeiramente, todos afirmaram ter uma boa relação com os seus pais surdos. Relativamente à questão, o sujeito A1, mencionou a falta de apoio específica para os surdos idosos e “a preocupação que agora eu sinto com a minha mãe é ela estar mais dependente (...), não consigo deixá-la aqui sozinha. Porque acontece qualquer coisa e não há como comunicar comigo”. O facto de atualmente a mãe não usar telemóvel é também uma dificuldade. “Precisamente por isso é que tive de a pôr num

centro de dia, fico mais descansada.”. Ainda no que se refere a este caso, a entrevistada A1 refere também que a mãe, é bastante autónoma, pedindo a qualquer pessoa para ligar a uma das filhas, às vezes apenas para dar pequenos recados.

O entrevistado B1 refere que os pais “sempre foram pessoas independentes e tinham ferramentas para se desenrascar na sua vida diária”, mas mais tarde com o pai doente afirmou que foi um “universo de preocupações tremendas”, desde a comunicação, acompanhamento em consultas, os afetos, a presença. A preocupação que tem atualmente com a mãe, devido ao facto da família nuclear já não estar presente é “o que é que eu vou fazer com ela para ela não entrar em decadência?”. O filho C1, relata que a preocupação que tem prende-se com o facto da “acessibilidade aos serviços não está garantida” e retrata esta barreira dando um exemplo na área da saúde, de algo que aconteceu com o pai, “o meu pai, há 3 anos, caiu e ficou inconsciente. Foi levado para o hospital. Ele ficou no SO, fez todos estes gestos mas assim de uma forma enérgica. E eu perguntei ao médico, como é que sabem se aquilo que o meu pai está a dizer faz sentido ou não faz sentido? (...) é preciso perceber a comunicação, se a pessoa está consciente, se o que está a dizer não faz sentido, se apenas está a esbracejar de aflição, ou se está a usar uma língua, é diferente! E o neurologista concordou comigo”, C1 acrescentou ainda “para nós é claro, e há uma comunicação, e por isso disse ser importantíssimo intérpretes de língua gestual nos hospitais, é uma das áreas que eu acho que é prioritária”.

Outra dificuldade que C1 mencionou foi o facto de existirem surdos idosos que estão sozinhos, que não têm ninguém quem cuide deles, “é mau. Tem de haver estruturas adaptadas para os apoiar”.

Relativamente a outra questão, relacionada com as necessidades dos surdos idosos e dos respetivos filhos, o sujeito A refere que as suas filhas a ajudam e que frequenta um centro de dia. Acrescenta que a experiência é boa mas que ninguém sabe língua gestual e que por vezes tem de relembrar os funcionários de que não ouve e que têm de falar à frente dela. O sujeito A1 menciona que deviam existir mais apoios para as pessoas surdas, como por exemplo um centro de dia ou uma casa. Acrescenta também que embora exista a associação de surdos, os convívios são pontuais.

No caso da entrevistada “B” diz que não precisa de qualquer apoio, nem sente nenhuma necessidade, pelo menos para já. Refere que gosta e está habituada a estar em casa mas não exclui a possibilidade de no futuro ir para um lar de idosos. B1 expõe que a sua grande preocupação é o isolamento dos idosos surdos e a falta de perceção que eles

têm sobre o que significa estar num lar ou centro de dia, “tudo aquilo que sabem ou o pouco que sabem tem sempre uma carga negativa. Acho que é necessário haver exemplos concretos para que esta geração consiga olhar para isto como uma resposta positiva para a sua vida e para a sua saúde física e mental”. O mesmo sujeito apresentou também que caso surja uma situação inesperada e repentina não sabe o que poderá fazer com a mãe e com outros familiares idosos, e que os idosos da geração da mãe e dos tios não conseguem considerar um lar como uma boa solução, porque ainda têm os filhos. “Não posso deixar de respeitar a vontade da minha mãe e a vontade deles não é? Porque se eu tenho uma visão mais alargada do que existe e não existe e da nossa capacidade de nos adaptar, eu também acho que eles se conseguem adaptar. Mas se eles não sentirem essa necessidade não vão conseguir ter esta visão”.

O idoso C afirma que precisa sempre de alguém que o acompanhe para estabelecer a comunicação, quando está doente ou noutra situação. Refere que sozinho não consegue, precisa sempre de apoio, atualmente das suas filhas. Antigamente, antes de ser pai, tinha o acompanhamento da irmã.

O entrevistado CC não referiu nenhuma necessidade relativamente a si próprio, mas sim a outros. Referiu que por vezes ajuda alguns idosos na Associação Portuguesa de Surdos e que pensa que para os idosos que não têm família e/ou que estão em casa sozinhos é mais difícil e precisam de recorrer a um intérprete de língua gestual com frequência e que às vezes até evitam pelo facto de terem de pagar o serviço de interpretação. Este entrevistado menciona que tenta sensibilizar para o facto de a APS disponibilizar intérprete de LGP e que não tem que se preocupar com pagamento. Refere também que era assim que fazia quando estava sozinha, mas que atualmente não precisa porque tem a enteada que a pode ajudar.

Ainda nesta problemática das necessidades, mas aos olhos dos filhos, A1 relatou que considera que nestas idades devia existir um centro de dia/uma casa para os surdos. O filho B1 refere que “muitos surdos não tem a perceção do que é estar num lar ou centro de dia e o pouco que sabem tem sempre uma carga negativa. Por isso acho necessário existir exemplos concretos para que esta geração consiga olhar para essa possibilidade como uma resposta positiva para a sua saúde física e mental”. B1 considera, portanto, que é preocupante a conotação negativa que os idosos têm de um lar ou de um centro de dia, pois por um lado sente que não se pode deixar de respeitar a vontade dos surdos idosos,

mas que por outro lado é preciso evitar que eles se isolem e que numa situação repentina um lar poderia ser uma boa solução.

O participante C1 menciona que se tem falado muito num lar para surdos idosos e que considera importante os surdos idosos terem locais para se encontrarem, conviverem, jogarem, passearem, que poderia ser uma associação ou centro de dia, mas que para surdos idosos que já tenham outras complicações de saúde/necessidade de outros cuidados que um lar seria importante “mesmo que não fosse um lar só para surdos mas que fosse um lar que tivesse um espaço para surdos, uma sala, uma ala... onde estivessem pessoas, técnicos que soubessem comunicar com eles através da língua gestual”.

Quanto às expetativas em relação ao futuro, o surdo B conta que se tiver necessidade de ir para um lar, que não se importa, mesmo que seja com ouvintes. A razão apontada prende-se com a possibilidade de falar oralmente com todos, ou quando não percebe pede para falarem mais devagar ou escrever. Acrescenta ainda que já não convive com tanta frequência com a comunidade surda há alguns anos mas refere que se sente bem “se não existir um lar de surdos não me importo de ficar num de ouvintes. Estou habituada, não estou preocupada. E com ouvintes é diferente. Com os surdos podemos recordar histórias antigas, mas com os ouvintes também, mas oralmente e contamos pela primeira vez porque não conhecemos ninguém e podemos falar de outras coisas”.

O sujeito CC referiu que não tem expetativas em relação ao futuro. Refere que se recorda da possibilidade de uma associação de surdos criar um lar para surdos na zona de Lisboa, mas que não sabe se é verdade. Diz que num lar com ouvintes tem medo, tem medo, nomeadamente pela possibilidade de não perceber a comunicação porque eles só falam oralmente. Mas que se fosse com surdos seria diferente, podiam comunicar à vontade, jogar, entre outras atividades.

No que concerne à expetativa dos filhos em relação ao futuro dos pais, o entrevistado A1 declarou que enquanto a mãe puder continuar a frequentar o centro de dia que irá ser assim. No caso do entrevistado B1 deseja que nunca lhe falte nada e que nunca lhe falte amor, e que a preocupa o facto de ser filha sem tempo para os afetos tal como a sua mãe o fez como cuidadora, estava absorvida no cuidar, que os afetos ficaram esquecidos. O filho C1 diz que deseja que o pai continue cá por muitos mais anos e que ela e a irmã também, para cuidarem dele.

Abordando agora a temática de uma resposta social para idosos adequada para a pessoa surda, apenas o surdo CC respondeu, dizendo que o conhecimento que tem sobre

os lares é que geralmente as pessoas não gostam, que tratam mal as pessoas e que por isso não iria gostar. Refere também que apesar de difícil, entende que é a solução para quem não tem família. Anteriormente apresentei a preocupação do filho B1, que ia neste sentido, na conotação negativa que os surdos têm de um lar para idosos.

O filho A1 conta o que acontece no centro de dia com a mãe, que apesar de ser surda é muito comunicativa. Mas no centro de dia onde está sente por vezes algumas dificuldades de comunicação, a maior parte das situações que acontecem a mãe não consegue perceber. Não existe iniciativa por parte dos funcionários no cuidado na comunicação com ela. É a própria idosa surda que vai ter com algum técnico e questiona. Perante esta declaração, nota-se nesta resposta social para idosos, uma atitude desajustada perante uma pessoa surda. A1 questiona até que ponto seria assim tão difícil colocar um profissional que soubesse comunicar em língua gestual neste tipo de respostas sociais. Considera, por exemplo, no caso da sua mãe que seria uma mais-valia, “ela comunicaria mais e apercebia-se do que se passava ao seu redor e poderia ser que atraísse mais surdos para aquele centro de dia”.

No caso do entrevistado B1, expõe que considera que a geração da mãe está mais preparada para lidar com pessoas ouvintes do que as gerações mais atuais que têm necessidade de uma resposta efetiva para surdos. Explica que isto acontece porque têm por base a comunicação, a essência da comunicação, que muitos surdos preferem estar em contacto com outros para estar sempre a comunicar em língua gestual. Mas considera que é preferível uma via onde têm as necessidades de saúde física e mental a serem respondidas e onde consigam interagir sem se sentirem frustrados. Dá como exemplo, o dia de convívio de seniores na Associação Portuguesa de Surdos, pensa que teriam condições para dar outro tipo de resposta ao grupo mas na verdade não o fazem porque o grupo de seniores não sabe bem o que pretende “os surdos sabem que há surdos inseridos em lares, que estão em centros de dia, que recebem apoio domiciliário. Eles sabem que existem mas se perguntássemos diretamente a essas pessoas se preferiam estar numa instituição só com surdos, eu não sei, mas a mim parece-me que não há muita abertura. Acho que precisavam de ver uma realidade a acontecer”.

No caso do entrevistado B1, menciona o exemplo que existe na Holanda, no lar *De Gelderhorst*, que poderia servir de exemplo.

Como requisitos mínimos para as instituições de idosos acolherem surdos, B1 diz que para além de aprenderem língua gestual, o fundamental é saberem como se lida com

peessoas surdas, sensibilizar as pessoas para o que é uma pessoa surda e dar ferramentas para ultrapassar o bloqueio da comunicação “acho que tem de haver o mínimo de condições e ferramentas de um ambiente pleno de comunicação e todos os outros requisitos são os requisitos normais à partida que os lares promovem”.

No caso de C1, considera que as respostas sociais para idosos existentes de um modo geral não são adequadas à pessoa surda, mas que depende muito das pessoas que trabalham nessas instituições, se têm espírito aberto e se são capazes de procurar alternativas para se adaptarem. Contou que já teve uma tia surda profunda com um ligeiro atraso cognitivo e uma língua gestual rudimentar num lar e que os colaboradores se adaptaram muito bem a ela.

O filho C1 julga que é essencial essa capacidade de adaptação por parte dos profissionais para acolherem pessoas surdas nos lares, assim como formação, existirem profissionais surdos a trabalhar nestas instituições e intérpretes de língua gestual para facilitar a comunicação, “assim os idosos sentir-se-ão identificados com quem está a gerir o espaço e isso é importante”. E relembra que há algum tempo se falou na possibilidade dos lares da santa casa da misericórdia incluírem uma secção para pessoas surdas, mas que é algo muito difícil. Admite que é um assunto que a preocupa, mas que espera não vir a sentir essa necessidade, e que os próprios surdos é que têm de se manifestar e decidir, que os surdos têm apresentado ideias diferentes mas possivelmente algumas soluções terão que ser implementadas para dar alguma resposta. Compreende que um lar exclusivamente para surdos seja um peso excessivo de gestão, dinheiro, espaços e que um lar central a nível nacional criaria o problema das distâncias das famílias, “mas criar espaços para surdos com pessoal, auxiliares, intérpretes que trabalhassem numa ala, num espaço para surdos num lar já existente... penso que seria mais fácil em termos regionais conseguir estes espaços para gerir. Vamos ver... a solução ideal se calhar não existe”.

Relativamente à última categoria, a importância dos surdos estarem com outros surdos, o surdo A diz que com os surdos se “sente nas suas sete quintas”, que vai todos os sábados à associação de surdos para encontrar os amigos e conversar. Pois no centro de dia, com ouvintes a maior parte do tempo está parada a ver televisão e que “*fica a doer-me o pescoço*”. No caso familiar do sujeito A, refere que é importante pois “entendem-se e têm mais facilidade de comunicar uns com os outros. Ela tem necessidade de ir à associação de surdos todos os sábados, está no meio dela”.

Segundo o entrevistado B1, é importante os surdos contactarem com outros surdos para que o cérebro continue a ser estimulado e “para que continuem a comunicar livremente”. Refere que, apesar da mãe ser capaz de comunicar com ouvintes, não é uma comunicação profunda sobre qualquer tema, pois com um ouvinte não conseguirá desenvolver a conversa nesse sentido, mas com um par surdo conseguiria, “há sempre mais vantagens em estar no mesmo ambiente linguístico”. Manter uma conversa com um ouvinte seria um esforço acrescido.

Por fim, o entrevistado C1 declara que a importância dos surdos contactarem com outros surdos se deve à possibilidade de “continuar a comunicar, conversar na sua língua, lembrar histórias do passado, trabalhos que fizeram... é a necessidade de se identificarem com os seus pares e a capacidade para comunicar”.

2) Nota metodológica e caracterização do grupo focal

Foi realizado um grupo focal com a participação de representantes de diversas entidades que constituem a comunidade em geral, com e sem relação com a temática em estudo, visando refletir sobre um tema onde os participantes são de diferentes áreas e apresentam diferentes opiniões, incluindo situações em que o tema proposto constituiu a primeira vez em que alguns dos participantes envolvidos tiveram oportunidade de refletir pela primeira vez.

O agendamento deste grupo focal, que foi realizado *online* através da plataforma *Zoom*, constituiu uma tarefa exigente devido à dificuldade em desbravar terreno e conseguir o comprometimento de algumas entidades para discutir o tema. O grupo focal foi reagendado três vezes, devido à falta de confirmação de algumas entidades.

Foi entregue por *e-mail* um consentimento informado, em que eram apresentados os objetivos da investigação e garantida a confidencialidade dos dados, bem como a indicação de que a informação recolhida apenas serviria para utilização no âmbito do presente estudo.

O grupo focal foi realizado em junho de 2020, e as entidades que confirmaram a sua presença foram as seguintes:

Quadro 3: Entidades que confirmaram a participação no grupo focal

Entidade	Representante	Designação
1	1	Entidade representativa do movimento associativo de Surdos
2	2	Câmara Municipal
3	3	Entidade representativa do movimento associativo de Surdos
4	4	Entidade religiosa
5	5	Entidade local de intervenção social e de saúde
6	6	Junta de freguesia
7	7	Estrutura Residencial para Idosos (ERPI)

Para além destas entidades, foi também convidada uma entidade da área da saúde, que devido ao surto de COVID-19, cancelou todas as atividades que não estivessem relacionadas com as questões inerentes à pandemia.

Apesar de terem confirmado a sua presença, algumas entidades não compareceram, tendo, apenas participado as seguintes:

Quadro 4: Entidades presentes no grupo focal

Entidade	Representante	Designação
1	1	Entidade representativa do movimento associativo de Surdos
3	3	Entidade representativa do movimento associativo de Surdos
4	4	Entidade religiosa
5	5	Entidade local de intervenção social e de saúde
6	6	Junta de freguesia
7	7	Estrutura Residencial para Idosos (ERPI) – Participação por e-mail

A solução encontrada para colmatar a ausência de um representante da câmara municipal e do representante da ERPI passou pelo envio, via *e-mail* das questões colocadas durante a sessão do grupo focal para que respondessem por escrito. Porém, nenhuma das entidades em causa enviou os seus contributos para reflexão.

Por considerar que seria fundamental, pelo menos, ter a perspetiva de uma resposta social para idosos neste grupo focal, foram contactadas outras instituições, incluindo algumas organizações que já tinham trabalhado com idosos surdos. Contudo, mais uma vez, não foi possível obter resposta por parte de qualquer uma destas organizações. Finalmente, foi contactada uma ERPI do distrito de Portalegre que não tinha qualquer experiência com surdos e que respondeu prontamente às questões que foram enviadas. Esta foi a solução encontrada para compensar as dificuldades descritas anteriormente, cujos contributos foram integrados na análise realizada e que a seguir se apresenta.

Paralelamente, procedeu-se de igual modo, junto do representante da junta de freguesia que participou no grupo focal, com tentativa de aprofundamento do seu contributo, tendo em conta que, aquando da sua participação no grupo focal, a sua comunicação foi muito efémera. Porém, das questões enviadas, apenas uma foi respondida.

2.1) Análise de resultados do grupo focal

O guião do grupo focal era constituído pelas seguintes questões:

1. Consideram que os serviços que prestam são acessíveis à comunidade surda?
2. O que podemos fazer enquanto comunidade para ajudar os surdos idosos a ter uma maior qualidade de vida?
3. O que podemos fazer enquanto comunidade para ajudar estas pessoas a desenvolver as suas competências e a contribuírem com as suas qualidades?

Após interpretação e transcrição da gravação da reunião *Zoom* e leitura, os resultados obtidos no presente estudo foram organizados e analisados em 3 categorias fundamentais, correspondentes aos objetivos delineados e às questões formuladas, de modo a conhecer diferentes pontos de vista de algumas entidades existentes na sociedade acerca da comunidade surda e formas de conseguir melhorar a qualidade de vida dos surdos idosos.

Esta análise e organização configura-se nas seguintes categorias e subcategorias:

Categoria 1 – Experiência com a comunidade surda;

- Capacitar a comunidade surda

Categoria 2 – Acessibilidade e estratégias

- Acessibilidade na saúde

Categoria 3 – Lara par surdos

Destacaram-se ao longo da reunião as seguintes dificuldades/pontos negativos sentidos na comunidade surda: surdos idosos e as tecnologias, pandemia COVID-19, uso da máscara e avatares de interpretação em *sites* como estratégia de acessibilidade.

Neste sentido, iniciamos a apresentação dos resultados com a categoria **experiência com a comunidade surda**, de forma a contextualizar e a caracterizar esta comunidade, segundo as diferentes perspetivas que tivemos presentes no grupo focal, bem como o relato de algumas problemáticas existentes na comunidade.

Das 6 entidades participantes, 3 nunca tiveram contacto com a comunidade surda (entidades 4, 5 e 7).

O representante da entidade 4 mostrou-se muito agradecido por estar a participar neste grupo, pois considera que é positivo que, quem não é surdo tenha a perceção do que significa ser surdo através da primeira pessoa, situação que é diferente e ainda mais sensibilizadora “eu acho que qualquer pessoa é válida para tudo. Não vejo dificuldade dessas pessoas intervirem na sociedade como outro ser humano qualquer.”

O representante 5 recorda-se de há muitos anos terem tido um utente surdo mas que conseguia fazer leitura labial e oralizava bem. Por esta razão, nunca houve dificuldade na comunicação. Posto isto, e por nunca ter tido uma experiência com um surdo que comunicasse apenas através da língua gestual nunca sentiu necessidade de aprender língua gestual. Mas confessa que de forma natural tem curiosidade em adquirir alguns conhecimentos para quando surgir a necessidade de contactar e relacionar-se com uma pessoa surda.

A entidade 6, apesar de não trabalhar diretamente com a comunidade surda já teve algum contacto pelo facto de existir uma associação de surdos naquela freguesia. A representante desta entidade deu o exemplo de alguns passeios, onde pessoas surdas idosas participaram e que eles deveriam conseguir perceber o que foi transmitido porque nunca se mostraram baralhados durante o passeio. Após esta informação, o representante da entidade 1 reforçou a importância desse grupo de surdos ser acompanhado por um intérprete “não podemos dizer que um idoso percebe através da oralidade. Depende das pessoas, algumas conseguem oralizar, fazer leitura labial, outros não. E a escrita também não é uma alternativa. O ideal é estarem acompanhados de um intérprete de língua gestual. Isso sim é acessibilidade, terem acesso à informação da forma mais natural para eles.”

A nível de atendimento social, a entidade 6 nunca teve contacto com esta comunidade.

O representante da entidade 1, surdo, cresceu na comunidade surda e por isso conhece bem esta população e a realidade dos surdos idosos. Convive com eles e faz questão de estar a par das suas necessidades/preocupações para assim poder ajudar de

forma mais próxima e efetiva. Pois, considera fulcral que para sabermos ajudar, temos de conhecer as necessidades que as pessoas surdas têm.

A comunidade surda idosa, na perspetiva do representante da entidade 3, é um grupo que devido à idade são mais intransigentes relativamente às mudanças que surgem na sociedade e que a característica principal desta comunidade é ter um espaço de convívio e o hábito de frequentar regularmente esse espaço “juntam-se para conviver e realizar atividades de lazer, principalmente os idosos. É verdade que tanto os jovens como os adultos surdos têm barreiras na comunicação com os ouvintes, mas os idosos têm ainda mais dificuldades”.

De facto, a pandemia que se viveu no último ano fez com que toda a população ficasse mais isolada. A população surda ficou mais isolada, mas a população surda idosa certamente ficou ainda mais, por exemplo, devido ao facto de nem todos os surdos idosos terem acesso ou aptidão para as novas tecnologias e daí ficarem privados do contacto com os seus pares, ao contrário dos surdos de outras faixas etárias que, facilmente, através das redes sociais, conseguiam comunicar de forma rápida e eficiente.

O representante da entidade 1 referiu que “se quero falar com algum surdo idoso é difícil e porquê? A maioria está em casa, não tem telemóvel, não usam tecnologias, não têm jeito, nem querem usar e por isso não comunicam por videochamada como a restante comunidade surda. Com o coronavírus e o confinamento foi ainda mais complicado comunicar com os idosos.”

A entidade 3 acrescenta que “Com os seniores podemos verificar a dificuldade no português, mas também a dificuldade das novas tecnologias, o receio em mexer, no carregar... a sociedade evoluiu muito rápido e nós comunidade surda precisamos de levar os surdos seniores para essa evolução das novas tecnologias. Não podemos deixar que fiquem para trás pois a realidade atual é bastante diferente da que viveram. Temos que os apoiar e este trabalho deve ser feito nas associações. Nós é que temos que lhes dar possibilidade de aceder às informações, redes sociais e grupos.”

Posto este problema, o representante da entidade 3 sugere como solução o capacitar este grupo para as novas tecnologias, sugerindo *workshops* nas associações com voluntários que ensinem os surdos seniores a usar as novas tecnologias: “Para que os idosos as entendam e consigam utilizar. Por exemplo, serviços de transporte como a *uber*. A maioria não usa táxi porque não consegue ligar, com a *uber*, de forma autónoma já conseguiriam. E também outros serviços como *mbway*, SNS24, MAI112, serviços que

tenham videochamada e como funcionam. E por fim, redes sociais como o *facebook* para conhecerem os grupos da comunidade surda que existem e para assim acompanharem as novidades que vão surgindo.”

Abordando agora outra ideia referente a todos os surdos e não só aos idosos, prende-se com a importância de que se reveste a possibilidade dos surdos terem informação acessível na sua língua, a língua gestual, que, corresponde a uma língua visual. Esta ideia foi apontada pelo representante 3, tendo exemplificado com a dificuldade por parte de um surdo no preenchimento de um formulário, por exemplo, com questões que o senso comum considera básicas como o número do cartão de cidadão ou o número de identificação fiscal: “Há surdos que irão ver aquilo e se sentir-se encurralados com o texto em português. É necessária a informação em língua gestual portuguesa, para que os surdos que não dominam o português escrito não terem dificuldades.”

Por último, nesta categoria de análise, foi também levantada, pelo representante da organização 1, a dificuldade que as entidades que estudam sobre este assunto, ou que trabalham em prol desta comunidade, sentem em encontrar informação no que concerne ao número de pessoas surdas existentes em Portugal “já questionamos o INE, nos censos de 2011 têm uma opção para a deficiência, mas não discrimina o tipo de deficiência. Seria importante para nós termos informações como: número de pessoas surdas em Portugal, quantos são idosos, quantos são jovens, quantas são crianças, etc.”.

Passando à segunda categoria, a da **acessibilidade e estratégias para melhor inclusão da pessoa surda**, esta correspondeu à categoria que teve mais contributos e ideias, permitindo conhecer os diferentes pontos de vista dos participantes, incluindo aqueles que nunca contactaram com surdos, dos próprios surdos e de quem com eles trabalha. Refletiram sobre como poderiam proporcionar qualidade de vida aos idosos surdos, concluindo que seria através da comunicação na língua deles, ou seja, existindo acessibilidade. Foi o caso do representante da entidade 1, ao referir “A sociedade aprender língua gestual portuguesa, porque isso daria muita acessibilidade. Acessibilidade a 100% é o que dará melhor qualidade de vida à pessoa surda, isto para mim é que é o importante.”.

O representante da entidade 4 chamou a atenção para o facto de, nos serviços públicos, no atendimento, a maior parte das pessoas não dominam a língua gestual “é natural que haja uma dificuldade em todo o lado, penso eu. Até na igreja. Se vier alguém

aqui pedir alguma coisa no serviço de cartório, nós não temos essa capacidade e deve ser o que acontece na maior parte dos locais e é pena”. Neste sentido, este representante acha que seria fundamental a sensibilidade de todos para ajudar e concorda com o que foi dito pelo representante 1, a respeito da necessidade da aprendizagem da língua gestual portuguesa. Demonstrou também que não tinha noção da realidade atual da comunidade surda, presumindo que muitas situações já estivessem mais acessíveis e estas dificuldades não existissem “Eu, como ser humano e como cristão, mas sobretudo como ser humano, bastava haver um surdo para todos nós sabermos língua gestual. Toda a gente saber língua gestual, bastava um, apenas. Não é? Há uma grande vontade em conseguir comunicar, mas realmente não sabia que ainda havia tantas dificuldades, pensei que as coisas tivessem mais adiantadas.”

Após estas afirmações, o representante 4 considerou a possibilidade de se fazer algo na paróquia para a comunidade surda “se eu ou mais alguém aqui da paróquia pudéssemos aprender, talvez pudéssemos depois ter aqui reuniões de grupos de pessoas surdas e ter encontros informais, podia até ser sobre poesia ou outro tema qualquer mas em que houvesse um encontro de surdos e ouvintes e algum diálogo”. O representante 1 aproveitou o momento para contar o que já acontece no Santuário de Fátima em termos de acessibilidade para surdos “por exemplo, muitos surdos vão a Fátima todas as semanas, ao Santuário de Fátima, porque as eucaristias têm interpretação em língua gestual portuguesa.”

O representante da entidade 5 concordou com o que foi referenciado anteriormente, lembrando que o facto de toda a gente dominar a língua gestual iria ser muito positivo para a comunidade surda “se muitos de nós soubéssemos língua gestual seria facilitador e promovedor do aumento de qualidade de vida dessa comunidade” assim como a “comunicação é sempre importante” e que “são pessoas como outras e cada uma terá a sua necessidade ou dificuldade para além da surdez”. Relativamente às necessidades considera que se não conhecemos a realidade daquela pessoa surda devemos questionar e mostrar-nos disponíveis para ajudar caso seja necessário e não assumir que aquela pessoa por ser surda precisa obrigatoriamente de ajuda “eu não sei o que é que uma pessoa surda necessita, portanto eu tenho que lhe perguntar se necessita de alguma coisa, se há alguma coisa em que eu possa ajudar. Não devo ter a arrogância de partir do princípio que eu sei do que é que esta pessoa necessita.”

Relembrou várias vezes que mesmo quando não se domina a língua, se a comunicação for possível, oferecer ajuda é viável a um surdo ou a qualquer outra pessoa, com ou sem deficiência “se a comunicação for possível irei ajudar nas suas necessidades. Enquanto pessoa posso ajudar um surdo ou uma pessoa com outra deficiência. Partilhar o meu conhecimento, tentar procurar resolver as suas dificuldades. No meu dia-a-dia, nas minhas relações de vizinhança é que isso que eu faço, sendo uma pessoa com deficiência ou não.”

O representante 5 acrescentou ainda duas sugestões: em primeiro lugar, a ideia de que, nas entidades localizadas em áreas com um elevado número de surdos houvesse pelo menos uma pessoa que dominasse a língua gestual “por isso, seria importante, pelo menos uma pessoa, particularmente em zonas em que esta comunidade tiver uma franca expressão ou alguma expressão, se calhar, se em todas as organizações houver uma pessoa capaz de comunicar com estas pessoas, então aí não haverá de todo qualquer barreira para esta comunidade.”. A segunda relaciona-se com a concretização de parcerias, as quais se poderiam criar entre instituições para dar resposta a esta população “acredito que haver uma articulação de organizações como a minha, por exemplo, que não trabalham diretamente com os surdos com as associações que trabalham com esta comunidade, poderia ajudar. Porque a comunidade surda são pessoas como as outras, portanto terão necessidades como todos. Por isso, as associações que dão respostas às necessidades da comunidade se colaborassem com as associações de surdos, poderia ser uma forma de contribuir para a qualidade de vida destas pessoas”. Quanto a esta última sugestão, realça também que seria positivo e uma forma de chegar às entidades superiores, pois “se as federações e organizações locais onde existam associações de apoio a pessoas surdas fizerem parcerias, reúnem sinergias para promover qualidade de vida a estas pessoas.” E consequentemente intervir “junto do governo para mudanças de políticas, para adoção de políticas facilitadoras.”

O representante da Estrutura Residencial para Idosos (entidade 7) expôs que “tentamos de alguma forma adaptar os nossos serviços à necessidade dos nossos clientes. Até ao momento, não foram prestados serviços à comunidade surda. Porém, reconhecemos que não temos formação, instrumentos e nem recursos humanos capazes de se adequar às necessidades de um cliente da comunidade surda.”. Mais adiante, na última categoria de análise, iremos poder ver as sugestões dadas por este representante.

No que concerne à acessibilidade, o representante 1 apresentou alguns serviços que permitem acessibilidade em LGP através das novas tecnologias e os pontos negativos são que não é uma acessibilidade permanente “segurança social, finanças, através de marcação, a partir de um formulário que está no portal e conseguimos ter intérprete de LGP. Também existe uma empresa que é o Serviin. A nossa entidade também faculta um Call Center, através de videochamada, mas não é 24h.”.

Relativamente à acessibilidade através das novas tecnologias, mais adiante na acessibilidade na saúde poderemos ver a opinião do representante 3 que aponta várias desvantagens tendo em conta as dificuldades da comunidade surda idosa.

Antes disso, o representante 3 apresentou um mau exemplo de acessibilidade que tem sido adotado por várias entidades na área digital, que são os avatares: “por exemplo, uma Câmara, publicitou que tinham uma nova acessibilidade no site que era o Virtual Sign (avatar). Fui ver, soletra, faz gesto, soletra e não tem qualquer tipo de expressão. E a expressão, assim como a configuração da mão, orientação, movimento, localização e um dos queremas da língua gestual. Estes avatares não são acessibilidade! Não há acessibilidade com esta ideia.”

Decorrente desta categoria emergiu uma subcategoria: **acessibilidade na saúde**, pela sua importância no atual contexto de pandemia e considerando os eventuais efeitos desta última no quotidiano deste grupo em estudo.

Em Portugal, nos últimos dois anos, tivemos conquistas neste âmbito, nomeadamente: a criação da aplicação MAI 112, em 2019, tornando possível o contacto por parte de um surdo com o Serviço 112 para comunicação de emergências através de videoconferência com acesso a interpretação simultânea por um intérprete de LGP. E em 2020, em pleno ano de pandemia, tendo em conta a necessidade de contacto com o SNS24 em caso de sintomas ou contacto com alguém infetado, foi criado um canal no *site* do SNS24 de “contacto acessível para o cidadão surdo”. Este contacto também é realizado através de videochamada com um intérprete de LGP.

A criação destas duas acessibilidades foram referidas por duas das entidades participantes no grupo focal, pela entidade 1 e pela entidade 3.

O representante 1, na sua perspetiva pessoal, sentiu que estas acessibilidades lhe trouxeram qualidade de vida e autonomia e considera muito positivo para toda a comunidade: “Até há bem pouco tempo tinhas uma barreira muito grande na saúde. Finalmente, já temos acesso à saúde 24 por videochamada, assim os surdos já conseguem

ligar para a saúde 24 de forma autónoma oferecendo-lhes qualidade de vida. Deu-me acessibilidade, faz com que eu cuide melhor da minha saúde e por isso ter mais qualidade de vida. Isto é recente, surgiu este ano (2020). E também o MAI 112, o número de emergência, finalmente também é acessível por videochamada, e isso melhora muito a vida dos jovens, adultos e idosos surdos. Tendo acessibilidade não existirão sentimentos depressivos, tristeza, ansiedade e nervosismo, mas sim um alívio, felicidade, segurança.”

O representante 3 partilha a sua opinião chamando à atenção para a diferença das dificuldades que um jovem/adulto surdo apresenta e um idoso surdo, “os jovens podem conseguir de forma autónoma ir ao centro de saúde, utilizando a escrita, a mímica, leitura labial, podem conseguir comunicar. Mas os idosos surdos não, sentem mais dificuldade e necessitam absolutamente de intérprete de língua gestual. Se não têm intérprete não vão. Conheço vários casos assim e que ao nível da saúde começam a piorar. Na saúde é necessário intérprete!”

De seguida, abordou também a temática da criação destas duas novas acessibilidades na saúde que utilizam as novas tecnologias, o MAI112 e o SNS24, que foi conseguido recentemente: “até à metade do ano 2019 não existia qualquer acessibilidade na saúde. A acessibilidade era zero! Nada era acessível aos surdos, a saúde 24 e o 112 eram apenas acessíveis por chamada telefónica o que era impossível para utilização da pessoa surda.”

Porém, o representante da entidade 3 não considera que isto seja acessibilidade para as pessoas surdas idosas, mostrando as várias limitações que os idosos têm: “A maioria dos seniores não estão habituados às tecnologias, a uma comunicação virtual. Estão habituados cara a cara, a um apoio presencial. Um telemóvel, um grande número de surdos até tem, computador não. Mas o telemóvel pode ser bastante antigo, até pode ser android ou iOS mas com versões antigas que depois não são compatíveis com estas aplicações. Concluindo, isto não é acessibilidade. O serviço existe sim, tem qualidade sim, mas os seniores não conseguem ter acesso! Então se me perguntarem se isso é acessibilidade, a minha resposta é não. A acessibilidade tem de ser algo que é intuitivo, que percebemos naturalmente, de forma espontânea, isto com os surdos idosos não acontece. É preciso capacitá-los nisto, com workshops, formações, é preciso disponibilidade para os ajudar. A ideia do fazer isto de forma autónoma não dá, isso não é para eles.”

Por último, nesta subcategoria, foi também referida uma dificuldade sentida por toda a comunidade surda nesta época de pandemia, relativamente ao uso da máscara, pois não permite a leitura labial que muitas vezes era a alternativa para superar um obstáculo no dia-a-dia, “com o coronavírus as dificuldades de comunicação pioraram, pela utilização da máscara. Isso é uma barreira muito grande para nós, não conseguimos comunicar.”

No que diz respeito à última categoria, **lar para surdos**, o representante 1 assume que é uma grande problemática relativamente aos surdos idosos “é ainda uma barreira que temos.”, indicando a dificuldade de um idoso surdo estar num lar “normal”, “o problema é que os funcionários e restantes idosos que estão no lar não sabem comunicar em língua gestual portuguesa, isso é um problema e uma grande preocupação. Sentir-se-ão sozinhos, deprimidos, tristes, isolados, até pode provocar uma morte precoce e isso é triste. Com ouvintes irão sentir-se de parte, isso é uma preocupação para nós”. Dá o exemplo, do grupo de séniores da Associação Portuguesa de Surdos que se junta uma vez por semana para convívio “a Associação Portuguesa de Surdos, tem um dia de convívio semanal. Todas as quartas-feiras, os surdos idosos juntam-se a fim de conviver. Aí sim, eles sentem-se bem e comunicam facilmente entre eles.”

O representante 3 vai ao encontro à declaração do representante 1, apresentando a necessidade que os surdos têm em estar com outros surdos e de ocuparem o seu tempo livre “é preciso que frequentem um espaço de convívio, porque convivem com pessoas que são semelhantes a si, surdas e idosas e que comunicam através da mesma língua. Isso é muito importante. Todos sabemos que os idosos, quer sejam surdos ou ouvintes, depois da reforma sentem dificuldade em ocupar o seu tempo livre, e os surdos ainda mais, podem sentir-se mais isolados, um espaço para eles seria muito importante.”

Posto isto, segue a sugestão da criação de um lar para surdos, dada pelos representantes da entidade 1 e 3, que representam entidades da comunidade surda e que por sua vez também são surdos. O representante 3 refere que “os surdos idosos devem estar juntos de outros surdos idosos, por isso seria importante um espaço de convívio diário ou a construção de um lar para surdos para que eles possam estar juntos. Isso sim daria uma melhor qualidade de vida, o restante é a acessibilidade na comunicação que é através da língua gestual portuguesa.”

E o representante 1 acrescentou que num possível lar todos deveriam saber língua gestual, desde o segurança à funcionária da secretaria, porque a língua gestual tem uma

estrutura diferente da nossa língua, a informação escrita não chegará efetivamente à pessoa surda. Sendo por isso necessário, ter estratégias de trabalho e a presença do intérprete de LGP, “acho que deveria ser criado um lar, mas um lar onde todos os funcionários desde a secretaria ao segurança soubessem língua gestual portuguesa para assim conseguirem comunicar com os utentes desse lar, surdos idosos e assim existia acessibilidade. Fazia com que os surdos se sentissem bem lá, menos ansiosos, menos deprimidos, não estariam isolados. A situação que temos não é adequada. É má. E com o coronavírus a situação ainda se agravou mais. Os surdos ficaram mais isolados, e os funcionários não sabendo língua gestual, como lhes dão a informação? Os surdos ficam sem saber o que está a acontecer porque informações mais específicas não lhes conseguem dar.”

O representante da entidade 7, Estrutura Residencial para Idosos, anteriormente reconheceu que os serviços que prestam não são acessíveis à comunidade surda. Apontou que devem ser adotadas estratégias para que a acessibilidade seja garantida “as estratégias que deveriam e têm que ser utilizadas de forma urgente para que a qualidade de vida da comunidade surda em residência para pessoas idosas seja garantida, passa pela formação de recursos humanos e a adoção de novas realidades e instrumentos”. Referiu que a comunicação é essencial para o bem-estar, e como instituição têm que assegurar esse sentimento nos utentes, apresentou estratégias de curto/médio e longo prazo caso tivessem um utente surdo, “a comunicação e a socialização contribuem bastante para o bem-estar do ser humano, enquanto instituição temos o dever de garantir o bem-estar do nosso cliente. Neste sentido, seria essencial criar estratégias para responder às necessidades da melhor forma. Posto isto, delinearíamos estratégias de curto, médio/longo prazo. A curto prazo: adaptação da forma de comunicação com o utente visado e adaptação de atividades. A médio/longo prazo: cursos de formação direcionados para utentes e funcionários.”

Ao contrário da opinião apresentada pela entidade 1 e 3, o representante 7 não concorda com a criação de um lar para surdos pois considera uma forma de segregação “na minha opinião enquanto profissional, não seria pertinente a criação de uma resposta social apenas dimensionada para a comunidade surda. Seria um modo de segregar e não de criar uma equidade social, que enquanto assistente social creio que é essencial para o mundo atual. O mundo tem que se adaptar à realidade das pessoas, é minha obrigação como agente de mudança e obrigação de toda a comunidade como cidadãos”.

Em jeito de conclusão, o representante 1 menciona que seria importante as entidades superiores estarem atentas a esta problemática “seria importante que o governo veja esta situação, pensam que os surdos podem ir para um lar normal, mas na prática não é assim. Isto é um problema e temos que resolver”, que um lar com as características apresentadas anteriormente seria o ideal em termos de acessibilidade, que a entidade que representa e a entidade 3 continuarão na luta “nós e a APS, continuamos na luta, com o coronavírus parece que ficou tudo bloqueado. A santa casa da misericórdia e o ministério do trabalho, solidariedade e segurança social nunca tiveram esta preocupação. Mas esperemos que a partir de agora, consigamos alcançar mais coisas e com a colaboração de diferentes entidades consigamos avançar mais rapidamente”.

3) Discussão de resultados das entrevistas e do grupo focal

Analizando as entrevistas e o grupo focal foram identificadas várias dificuldades e preocupações desta população com necessidades tão específicas. As principais preocupações, de acordo com as entrevistas realizadas, prendem-se com a saúde dos familiares, com a sua própria saúde e a perspetiva de ficar sozinho, assim como a dependência que as mudanças inerentes ao processo de envelhecimento, aliado à surdez é responsável. Nas respostas conseguidas não foram referidas as dificuldades relativas à comunicação, sendo que estas são reportadas noutros estudos como as principais dificuldades sentidas pelos surdos idosos. No trabalho realizado por Stephens, Gianopoulos & Kerr (2001) junto de idosos surdos com o intuito de classificar quais as principais dificuldades que esta população sente, os problemas relacionados com a comunicação apareceram, destacadamente, como as principais dificuldades sentidas pelos elementos da amostra. Estes resultados já tinham sido encontrados anteriormente no estudo qualitativo realizado por Zhao *et al.* (1997), onde os idosos referiram que questões relacionadas com a comunicação eram as principais dificuldades sentidas na realização de atividades da vida diária que implicasse a interação com os outros. Os próprios profissionais de saúde consideram que a comunicação é, sem sombra de dúvidas a principal dificuldade relativamente aos surdos idosos, especialmente quando o idoso não é alfabetizado (Nascimento & Souza, 2021).

Relativamente aos filhos dos surdos idosos entrevistados todos estes mantêm uma boa relação com os pais. No entanto, e com o envelhecimento destes, relata-se uma perda de autonomia significativa, especialmente no que respeita à comunicação, sendo que uma das dificuldades acrescidas é o facto de não usarem o telemóvel. Ao mesmo tempo, consideram que não existem serviços adequados a esta comunidade, sendo que, de um modo geral, os centros de dia e lares não se encontram devidamente adaptados para utentes surdos. Mais uma vez a comunicação aparece como a dificuldade principal dos surdos idosos, pondo em causa a sua autonomia. Por exemplo, no estudo realizado por Todd e Kuzel (1999) é relatada uma grande dificuldade de comunicação entre os pacientes surdos e idosos com os seus médicos. Isto leva-nos a discutir o que foi referido de seguida, que os serviços não se encontram adaptados para esta população. Também no trabalho de Todd e Kuzel (1999) ficou claro que os surdos idosos experienciam muitas barreiras no que respeita a cuidados de saúde eficientes, sobretudo, problemas de marcação de consultas e de comunicação com os profissionais de saúde que prestam cuidados. O atendimento a pessoas surdas obriga a algumas especificidades, como o uso da língua gestual ou de um intérprete de língua gestual que torna a comunicação e o diálogo bem-sucedidos (Spadafora & Côrte, 2013). De facto, uma das necessidades referidas pelos filhos era que existissem lares só para surdos ou pelo menos, nos lares já existentes, existisse uma sala para surdos. No entanto, as ajudas para esta população parecem ser poucas e insuficientes, como é mencionado pelos filhos, e corroborado por Herbst e Humphrey (1980) que referem que apenas 13% da população idosa (da qual 60% apresenta problemas auditivos) tem ajudas relativamente à audição/ surdez.

Outra questão que os filhos referem prende-se com a solidão e a falta de contacto social que estes idosos podem estar sujeitos. O envelhecimento já é associado à solidão e ao isolamento. Segundo Neto (2000) a solidão é resultado de fatores como a diminuição de contato social, estatuto social, perda relacional, redes sociais inadequadas, situações novas, entraves indiretos ao contato social, fracasso e fatores temporais, mas também das características individuais, como a depressão, timidez, autoestima, autoconceito e as habilidades sociais, sendo que uma situação de surdez pode contribuir para o aumento do isolamento.

Relativamente ao futuro, duas perspetivas são destacadas. Se por um lado os filhos assumem-se como cuidadores dos seus pais, por outro, a institucionalização, tanto num lar como em centro dia parece ser uma opção. De facto, e de acordo com Chau *et al.*

(2012), a ocorrência da institucionalização triplica quando se esta se encontra associada à perda de autonomia e à incapacidade funcional, que no caso dos surdos, é agravada com os problemas relacionados com a comunicação. A institucionalização também aumenta com a dependência no que concerne à realização de atividades básicas da vida diária, observando-se uma dependência direta entre estas duas variáveis (Nogueira et al., 2011).

Em relação à resposta social adequada à comunidade surda, pelas respostas obtidas podemos afirmar que as respostas existentes na sociedade não estão adaptadas a esta população, não existindo profissionais com formação apropriada para trabalhar com esta população nas instituições para idosos, nem existem associações vocacionadas ou adaptadas para os surdos idosos. Faz-se a ressalva para o dia de convívio de seniores na Associação Portuguesa de Surdos, no entanto esta iniciativa é insuficiente. De acordo com a Royal Association of Deaf People (RAD, 2014), as respostas sociais desenvolvidas especificamente para esta população em específico são muito importantes, uma vez que promovem um encontro social, a experiência da comunicação, informação e intercâmbio social, sem que exista barreiras à expressão ou à compreensão. Na pessoa idosa são várias as dificuldades existentes que, quando aliados à surdez, podem levar ao isolamento, uma vez que interação com outras pessoas fica muito dificultada. E por isso a procura por respostas sociais mais adequadas acabam por se tornar uma constante, verificando-se a urgência da criação dessas mesmas respostas no nosso país.

Por fim, todos os entrevistados consideram que é muito importante os surdos estarem com outros surdos, identificando-se, assim com os seus pares e comunicando livremente. De acordo com Ogawa et al. (2019), os idosos surdos apresentam redes sociais mais pequenas, sendo que estas vão diminuindo à medida que a idade avança, tendo-se concluído que a surdez (ou as dificuldades auditivas associadas ao envelhecimento) é um dos fatores dominantes para essa diminuição. Logo, é fundamental que exista uma interação significativa entre os idosos surdos e os seus pares, em primeiro lugar, para evitar situações de solidão e isolamento e, em segundo, lugar para desenvolver e fortalecer a identidade destes, num ambiente em que todos comuniquem e utilizem a mesma língua, partilhando, deste modo, o mesmo universo cultural (Silva, 2016).

Desenvolveu-se também um grupo focal com diferentes entidades sociais de forma a refletir sobre os idosos surdos. Muitas das entidades que participaram nunca tiveram contacto com idosos surdos, no entanto, as que tiveram, revelaram a dificuldade de comunicar com estes indivíduos, e daí também a dificuldade da realização de algumas

atividades. A não utilização de telemóveis e a dificuldade associada às novas tecnologias constitui outra dificuldade relatada, o que também não facilita um acompanhamento mais regular por parte de algumas entidades, devido à dificuldade de contacto. Atualmente os idosos são confrontados com uma nova realidade, onde muitas tarefas são realizadas através das novas tecnologias, plataformas digitais e internet e por isso é fundamental que existam políticas de aprendizagem nestas áreas. A literacia digital é necessária para usufruírem das mesmas oportunidades dos demais da sociedade (Gil, 2019).

Uma das soluções para colmatar as barreiras de comunicação junto da população idosa seria o acompanhamento por um intérprete de língua gestual. Este é o profissional por excelência que contribui para a eliminação de barreiras linguísticas e aproxima o mundo surdo e ouvinte, em diferentes áreas, nomeadamente linguístico e cultural (Rodrigues & Coelho, 2019). A formação dos profissionais da área da gerontologia, tanto em lares, como em centros de dia assim como dos profissionais de saúde que trabalham diretamente com idosos, como médicos e enfermeiros, entre outros, em língua gestual, é também uma das soluções mais importantes para que a acessibilidade desta população seja efetivamente melhor. No entanto, o que se observa é que não se encontram desenvolvidos meios para fomentar a formação mais específica nestas classes profissionais, tendo com consequência a continuação das barreiras de acessibilidade à comunicação por parte desta população (Guia Europeu da Comunidade Surda, 1997).

Os representantes participantes do grupo focal consideram existir a responsabilidade por parte da comunidade no seu geral em desenvolver estratégias para incluir da melhor maneira possível a população surda, especialmente as pessoas idosas uma vez que, e de acordo com Fuentes, Bravo & Guillén (2019) as pessoas idosas surdas vivem numa sociedade constituída maioritariamente por pessoas ouvintes pelo que, existe a responsabilidade da sua integração, de forma a superar as barreiras existentes na comunicação, aparentemente invisíveis, aos olhos de quem ouve.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nasceu da necessidade de contribuir para um tema que precisa ser desbravado em Portugal e precisa ser debatido fora da comunidade surda. A comunidade surda enfrenta algumas angústias em relação ao seu futuro, desejam viver num ambiente acessível e é necessário trilhar um caminho para que seja alcançado este desejo.

Após a análise e discussão de resultados, e considerando a questão de partida deste estudo “quais as necessidades, preocupações e expectativas face ao futuro, da comunidade surda idosa, em Portugal?”, é possível conhecer as principais conclusões do estudo.

Em Portugal verifica-se uma desadequação e insuficiência de serviços especializados para esta população com características tão específicas, pelo que o acompanhamento por parte dos filhos e outros cuidadores é ainda essencial. Os lares e centros de dia normalmente não possuem recursos adequados para lidar com os idosos surdos, como por exemplo, profissionais que dominem a língua gestual, existindo assim a necessidade de, em primeiro lugar, apostar na formação dos profissionais que trabalham com a população idosa e, em segundo lugar, permitir a existência de intérpretes de língua gestual nestes ambientes.

A existência de respostas sociais construídas especificamente para esta população constitui-se, também numa necessidade, de forma a colmatar uma das principais preocupações, que se prende com o isolamento e a solidão destes idosos. Se os idosos frequentarem locais onde existem outros idosos surdos, a comunicação é natural e fluída, havendo uma identificação natural com o outro num ambiente onde não existem barreiras de comunicação.

Tendo em conta que vivemos numa sociedade maioritariamente ouvinte, as entidades entrevistadas consideram ser da responsabilidade da sociedade civil geral, desenvolver estratégias de adaptação e inclusão para esta população, tendo em conta as suas especificidades e necessidades, de forma a eliminar barreiras comunicacionais que têm como consequências o difícil acesso a vários serviços essenciais para esta faixa etária, nomeadamente, aos serviços de saúde. Existe assim, a necessidade de que a sociedade se una, num esforço efetivo, para incluir da melhor forma estes cidadãos.

Esta investigação resultou de uma grande entrega e dedicação, sendo que as maiores limitações foram encontrar surdos idosos e filhos interessados em participar, assim como o agendamento das entrevistas e grupo focal, e a nível pessoal, as deslocações

e a conciliação com a vida profissional. Consideramos que poderíamos ter tido uma amostra maior, para uma representação mais efetiva da comunidade surda idosa. Esperamos que o presente trabalho sirva para que no futuro, em estudos posteriores sejam trabalhadas estas questões de forma mais aprofundada, que são necessárias para entender melhor esta realidade e encontrar possíveis soluções para a família que é a comunidade surda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, M. (2007). *Envelhecimento: ativo? Bem-sucedido? Saudável? Possíveis coordenadas de análise*. Fórum Sociológico, 17, p. 17-24.

Alves, A. (2003). *A importância da comunicação no cuidar do idoso*. Dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar - Universidade do Porto.

Amaral, M. A., Coutinho, A. & Delgado - Martins, M. R. (1994). *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.

Antunes, M. & Moreira, M. (2018). *Educação intergeracional e envelhecimento bem-sucedido*. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, v. 15, n. 1, p. 21–32.

Aschidamini, I. & Saupe, R. (2004). *Grupo focal – estratégia metodológica qualitativa: em ensaio teórico*. Revista Cogitare Enfermagem. v. 9, n. I.

Araújo, I., Paúl, C. & Martins, M. (2010). *Cuidar no paradigma da desinstitucionalização: A sustentabilidade do idoso dependente na família*. Revista de Enfermagem Referência. III Série, nº 2.

Azeredo, Z. (2011). *Idoso como um todo*. Viseu: Psicosoma.

Bandeira, M. et al. (2012). *Dinâmicas Demográficas Envelhecimento da População Portuguesa: Evolução e perspetivas*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Barbosa, S. (2019). *Raízes da profissão*. Intérprete que sou. Susana Barbosa (organizadora). Editora: Mosaico de palavras, Lda.

Carvalho, J. & Mota, J. (2012). O exercício e o envelhecimento. Manual de Gerontologia. Aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento. Constança Paúl & Oscar Ribeiro (coord.). Lisboa. Editora: Lidel.

Chamberlain, C. & Mayberry, R. (2000). *Theorizing about the relation between American Sign Language and Reading*. Language Acquisition by Eye. Mahwah NJ, EUA: Lawrence Erlbaum.

Chau, P., Woo, J., Kwok, T., Chan, F., Hui, E. & Chan, K. (2012). *Usage of community services and domestic helpers predicted institutionalization of elders having functional or cognitive impairments: a 12-month longitudinal study in Hong Kong*. J Am Med Dir Assoc.

Couto, M. et al (2008). Terapia familiar sistêmica e idosos: contribuições e desafios. Psicologia clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 135-152.

Cunha, H. (2014). *Reforma, Voluntariado e Envelhecimento*. Dissertação de Mestrado. Insituto Superior de Serviço Social do Porto.

Debert, G. (1999). *A Reinvenção da velhice*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fa.

Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Educar, Curitiba, nº 24, p. 213-225. Editora UFPR.

Ferreira, P. (2015). *Revista portal de divulgação*, n.º 47, Ano VI., ISSN 2178-3454.

Freitas, A. (2014). *A Influência dos laços familiares na qualidade de vida dos idosos: um estudo numa instituição de acolhimento*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Enfermagem do Porto.

Freitas, L. (2019). *Formação e desenvolvimento profissional dos docentes de língua gestual portuguesa (Grupo de recrutamento 360)*. Desenvolvimento e Sociedade, p.71-

Fuentes, P., Bravo, M. & Guillén., M. (2019). *Calidad asistencial percibida y satisfacción de las personas sordas con la atención primaria de un Área de Salud de la Región de Murcia*. Enfermeria Global. 18, 2 (feb. 2019), 303-322.

Gil, H. (2019). *Aprendizagem ao longo da vida e capacitação digital dos adultos idosos*. RBCEH, Passo Fundo, v. 16, n. 3, p. 125-142.

Guia Europeu da Comunidade Surda. (1997). Bruxelas: European Union of the Deaf.

Herbst, K. & Humphrey, C. (1980). Hearing impairment and mental state in the elderly living at home. *British medical journal*, 281(6245), 903–905.

Iervolino, S. & Pelicione, M. (2001). *A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde*. Rev. Esc. Enf. USP. São Paulo, v. 35, n.º 2 , p. 115.

Irigaray, T., Schneider, R. & Gomes, I. (2011). *Efeitos de um treino cognitivo na qualidade de vida e no bem-estar psicológico de idosos*. Psicologia Reflexão Crítica, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 810-818.

Keyton, J. (2011). *Communication and organizational culture: a key to understanding work experience*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Kyle, J. & Woll, B. (1985). *Sign language: the study of deaf people and their language*. Cambridge, Cambridge University Press.

Lima, S., Santos, W., Freitas, F., Gouveia, A., Torquato, B. & Agra, G. (2016). *Emoções e sentimentos revelados por idosos institucionalizados: Revisão integrativa*. Revista Kairós Gerontologia, 19(3), p. 51-65. São Paulo (SP), Brasil.

Rocha, A. (2018). *O envelhecimento humano e seus aspetos psicossociais*. Revista Farol, p. 77-89.

Rodrigues, A. & Coelho, O. (2019). A profissão de intérprete de língua gestual: estudo sobre avaliação. *Medi@ções* - Revista Online da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Lopes, L. (2007). *Envelhecimento ativo: uma via para o bem-estar*. Fórum Sociológico, n. 17, p. 65-68.

Lopes, M. (2011). *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

Magalhães, F. (2013). O papel do intérprete de libras na sala de aula inclusiva. *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, VII(4), 73-86.

Martins, T. (2011). *A Letra e o Gesto. Estruturas Linguísticas em Língua Gestual Portuguesa e a Língua Portuguesa*. Dissertação Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona.

Meir, I. & Sandler, W. (2008). *A Language in Space – The story of Israeli Sign Language*. New York NY, EUA: Lawrence Erlbaum Associates.

Meir, M. & Kudlowiez, S. (2003). *Grupo focal: uma experiência singular*. Texto & Contexto Enf., Florianópolis, v.12, n.3, p. 394-399

Mendes, M. & Loro, F. (2002). *Comunicação na velhice – subsídios da literatura (estudo piloto)*. An. 8. Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem.

Ministério da Educação. (2007). *Programa Curricular da Língua Gestual Portuguesa no Ensino Básico e Secundário*. DGIDC, p. 1-87.

Nascimento, J. & Souza, D. (2021). *As ações das equipas de saúde no atendimento aos idosos surdos ou deficientes auditivos*. Research, Society and Development, v.10, n.2, p-1-10.

Neto, F. (2000). *Avaliação da Solidão*. Psicologia Clínica, 2, p. 65-79.

Nobre, L. & Fávero, T. (2011). *Influência da linguagem oral na escrita*. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nogueira, D., Reis, E., Atalaia, R., Raposo, P. & Serrasqueiro, R. (2011). *Ageing, disability and long-term care*. BMC Health Serv Res.

Ogawa, T., Uchida, Y., Nishita, Y., Tange, C., Sugiura, S., Ueda, H., Nakada, T., Suzuki, H., Otsuka, R., Ando, F., & Shimokata, H. (2019). Hearing-impaired elderly people have smaller social networks: A population-based aging study. Archives of Gerontology and Geriatrics

Oliveira, Y. Celino, S. & Costa, G. (2015). *Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos*. Physis Revista de Saúde coletiva, p. 307- 320.

OMS - Organização Mundial de Saúde. (2002). *Envelhecimento*.

Paes da Silva, J. (2000). *Atendimento domiciliar*. São Paulo: Atheneu. p. 203-221.

Paloma, A., Schülter Buss Heidemann, I., Marçal, C. & Arakawa-Belaunde, A. (2019). *A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento*. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis (SC), Brasil. Audiol Commun Res.

Pereira, F. (2012). *Os Idosos como Recurso*. Teoria e Prática da Gerontologia: Um Guia para Cuidadores de Idosos. Viseu: Psicosoma.

Portugal. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social - Gabinete de Estratégia e Planeamento. (2009). *Carta Social: Rede de serviços e equipamentos. A dependência: o apoio informal, a rede de serviços e equipamentos e os cuidados continuados integrados*. Lisboa. Disponível na Internet:<URL:http://www.cartasocial.pt/pdf/estudo_dependencia.pdf>

Royal Association for Deaf People. (2014). *Older Deaf People and Social Care: A Review*. UK: RAD.

Sacks, O. (1998). *Vendo Vozes – Uma Viagem ao Mundo dos Surdos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Sade, C., Barros, L., Melo, J. & Passos, E. (2013). *O uso da entrevista na pesquisa-intervenção participativa em saúde mental: o dispositivo GAM como entrevista coletiva*. *Ciência & Saúde coletiva*, 18 (10): 2813-2824.

São José, J. & Teixeira, A. (2014). *Envelhecimento ativo: contributo para uma discussão crítica*. *Análise Social*, 210, XLIX (1.º), ISSN online 2182-2999. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Serafim, F. (2007). *Promoção do bem estar global na população sénior - práticas de intervenção e desenvolvimento de atividades físicas*. Universidade do Algarve: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Silva, R. (2013). *Modificações nos parâmetros sublexicais dos primeiros gestos em LGP produzidos por crianças surdas*. *Cartografias da surdez: comunidades, línguas, práticas e pedagogia*. Orquídea Coelho & Madalena Klein (coordenação). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto: Livpsic.

Silva, F. (2016). *O Olhar do Outro sobre a Diferença Surda: Representações sobre os Surdos e a Surdez*. II CINTEDI – II Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 16 a 18 de novembro, Campina Grande, PB.

Stephens, D., Gianopoulos, I. & Kerr, P. (2001). *Determination and Classification of the Problems Experienced by Hearing-impaired Elderly People: Determinación y clasificación de los problemas que experimentan las personas mayores con hipoacusia*. *International Journal of Audiology*.

Spadafora, S. & Côrte, B. (2013). *A surdez: uma analogia com a velhice*. *Cartografias da surdez: comunidades, línguas, práticas e pedagogia*. Orquídea Coelho & Madalena

Klein (coordenação). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto: Livpsic.

Reis, L. & Azevedo, B. (2020). *A comunicação no projeto e as ferramentas do gerenciamento como auxílio para garantia do sucesso. Revista Boletim do Gerenciamento*. Núcleo de Pesquisas em Planejamento e Gestão, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Ressel, L., Beck, C., Gualda, D., Hoffmann, I., Silva, R. & Sehnem, G. (2008). *O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa*. Texto Contexto Enferm, Florianópolis.

Todd, W. & Kuzel, A. (2000). *Elderly Deaf Patients' Health Care Experiences*. Am Board Fam Pract.

Venade, F. (2014). *Os direitos fundamentais das pessoas surdas. À luz da norma do artigo 74º, nº 2, alínea h) da Constituição da República Portuguesa e da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Almedina.

Zhao, F., Stephens, SDG., Sim, SW. & Meredith, R. (1997). *The use of qualitative questionnaires in patients having and being considered for cochlear implant*. Clinical Otolaryngology and Allied Sciences.

WEBGRAFIA

<https://www.facebook.com/Fedpasurdos/videos/1090022194794062> consultado a 22 de dezembro de 2020.

<https://www.gelderhorst.nl/over-ons/geschiedenis/> consultado a 7 de junho de 2020.

<http://nehd.org/> consultado a 7 de junho de 2020.

APÊNDICES

Apêndice I – Guião de entrevista surdos

1. Que dificuldades e preocupações sente como surdo idoso?
2. Pode relatar algum acontecimento que retrate essas dificuldades e preocupações?
3. Que necessidades existem para vocês surdos idosos? Necessita de apoio frequente de algum familiar? Para que tipo de situações?
4. Que expetativas tem em relação ao seu futuro, e dos surdos idosos na generalidade?
5. Considera que as instituições para idosos existentes são uma resposta adequada à pessoa surda? Se não, porquê? Que requisitos considera mínimos para estas instituições acolherem surdos?
6. Como idealiza uma resposta social adequada para vocês?
7. Porque é que é importante o surdo idoso estar junto de outros surdos idosos?

Apêndice II – Guião de entrevista filhos de surdos

1. Descreva-nos enquanto ouvinte, a sua relação com os seus pais?
2. Que dificuldades e preocupações sente como filha de idosos surdos?
3. Pode relatar algum acontecimento que retrate essas dificuldades e preocupações?
4. Que necessidades existem para esta comunidade e para vocês, filhos?
5. Que expetativas tem em relação ao futuro dos seus pais?
6. Considera que as instituições para idosos existentes são uma resposta adequada à pessoa surda? Se não, porquê? Que requisitos considera mínimos para estas instituições acolherem surdos?
7. Como idealiza uma resposta social adequada para esta comunidade?

Apêndice III – Guião grupo focal

1. Consideram que os serviços que prestam são acessíveis à comunidade surda?
2. O que podemos fazer enquanto comunidade para ajudar os surdos idosos a ter uma maior qualidade de vida?
3. O que podemos fazer enquanto comunidade para ajudar estas pessoas a desenvolver as suas competências e a contribuírem com as suas qualidades?

Apêndice IV – Consentimento informado

Consentimento informado

No âmbito da dissertação de mestrado em Gerontologia da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Portalegre, desenvolvida por Dina Coelho, sob a orientação do Prof. Doutor João Emílio Alves e coorientação da Prof. Doutora Susana Barbosa, eu _____ declaro que compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo em que irei participar, nomeadamente o caráter voluntário da minha participação no mesmo.

Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que esta entrevista será gravada em registo áudio visual.

Data: ____/ ____/ ____

Assinatura do participante: _____

Mestranda
Dina Coelho